

**UNIVERSIDADE ESTADUAL DO PIAUÍ  
CAMPUS ALEXANDRE ALVES DE OLIVEIRA  
LICENCIATURA EM LETRAS-INGLÊS**

**NATÁLIA PEREIRA FIGUEREDO**

***MAY THE DAY OF YOUR DEATH BE SUNNY:*** Uma investigação materialista da sociedade no conto “The Lottery” (2005 [1948]) de Shirley Jackson

**PARNAÍBA  
2024**

**UNIVERSIDADE ESTADUAL DO PIAUÍ  
CAMPUS ALEXANDRE ALVES DE OLIVEIRA  
LICENCIATURA EM LETRAS-INGLÊS**

**NATÁLIA PEREIRA FIGUEREDO**

***MAY THE DAY OF YOUR DEATH BE SUNNY:*** Uma investigação materialista da sociedade no conto “The Lottery” (2005 [1948]) de Shirley Jackson

Trabalho de Conclusão do Curso apresentado como requisito parcial para a integralização do curso de Licenciatura em Letras Inglês da Universidade Estadual do Piauí, campus Alexandre Alves de Oliveira em Parnaíba.

Orientação: Doutor Ruan Nunes Silva.

**PARNAÍBA  
2024**

F475m Figueiredo, Natalia Pereira.

May the day of your death be sunny: uma investigação materialista da sociedade no conto "The Lottery" (2005 [1948]) de Shirley Jackson / Natalia Pereira Figueiredo. - 2024.  
56f.: il.

Monografia (graduação) - Universidade Estadual do Piauí - UESPI, Licenciatura em Letras - Inglês, Campus Prof. Alexandre Alves de Oliveira, Parnaíba-PI, 2024.  
"Orientador: Prof. Dr. Ruan Nunes Silva".

1. Estudos Culturais. 2. Materialismo Cultural. 3. Sociedade. 4. Tradição. 5. Análise Literária. I. Silva, Ruan Nunes . II. Título.

CDD 801.95

## **NATÁLIA PEREIRA FIGUEREDO**

**MAY THE DAY OF YOUR DEATH BE SUNNY:** Uma investigação materialista da sociedade no conto “The Lottery” (2005 [1948]) de Shirley Jackson

Trabalho de Conclusão do Curso apresentado como requisito parcial para a integralização do curso de Licenciatura em Letras Inglês da Universidade Estadual do Piauí, campus Alexandre Alves de Oliveira em Parnaíba.

Orientação: Doutor Ruan Nunes Silva.

## **COMISSÃO EXAMINADORA**

---

Professor Orientador: **Doutor Ruan Nunes Silva**  
Universidade Estadual do Piauí – Campus Parnaíba

---

Professora Convidada: **Doutora Renata Cristina da Cunha**  
Universidade Estadual do Piauí – Campus Parnaíba

---

Professor Convidado: **Doutor Luizir de Oliveira**  
Universidade Federal do Piauí – Campus Teresina

**APROVADA EM 17 DE DEZEMBRO DE 2024**

Dedico este trabalho à *minha mãe Maria*, que dedicou sua vida à minha irmã e a mim; aos meus *amigos e familiares* que sempre me aguentaram e apoiaram; a *todos os jovens* da *Palestina* que sonhavam em se formar; e ao *meu antigo eu*, espero que você esteja orgulhosa de quem você se tornou.

## AGRADECIMENTOS

No filme *Spider-Man: Into The Spider Verse (2018)*, uma de minhas citações favoritas, marca um momento de mudança na vida do jovem Miles Morales. A frase “That’s all it is, Miles, a leap of faith”, é dita quando o personagem principal, não apenas, realiza o ato físico de saltar de um prédio, mas também de forma simbólica, salta e se liberta de seus medos e inseguranças. Ou seja, Morales realiza um salto de fé e de confiança em si mesmo, se tornando oficialmente um super-herói, o Homem Aranha. Essa citação se torna minha favorita, pois para seguir novos caminhos e novos sonhos, assim como Miles, é preciso coragem e um salto de fé no desconhecido.

Nessa direção, do mesmo modo que Miles, foi preciso muita coragem e um voto de confiança em mim mesma para mudar a minha vida e decidir fazer faculdade em uma cidade completamente diferente daquela em que cresci. Também, como o personagem, tive a sorte de não percorrer esse momento sozinha, encontrando pessoas que fizeram esse salto ser mais fácil. Por essa razão, nos próximos parágrafos gostaria de agradecer a cada uma delas.

No primeiro momento, a começar pelas pessoas que me apoiaram desde o começo do meu salto: minha irmã e minha mãe. *Juliane*, minha irmã, que mesmo com nossas diferenças, me recebeu em sua casa e me ajuda todos os dias a navegar pela vida adulta. Minha maezinha, *Maria*, que nunca deixou de apoiar nenhuma ideia ou impulsividade minha, constantemente me lembrando de que eu sou capaz e inteligente. Mãe, você me conhece melhor que ninguém, e eu nunca vou conseguir agradecer o suficiente por todas as vezes que você salvou minha vida (mesmo sem saber). A mulher que me tornei depende, especialmente, de vocês duas.

Em segundo, a toda a minha família, meu pai, minhas sobrinhas, meu cunhado, minhas tias e tios, primas e primos, avós e em especial, ao meu avô Osvaldo, que veio a falecer enquanto eu estava na Universidade. No Piauí, em Brasília ou Minas Gerais, eu sou extremamente grata por todo o apoio durante todos esses anos de graduação, mesmo me achando diferente vocês nunca deixaram de me encorajar a ser quem eu sou, e eu não poderia pedir nada mais que isso. Em especial, a minha tia *Maria Helena*, que me recebeu em sua casa, e ouviu durante anos as fofocas da faculdade, nunca vou poder te agradecer o suficiente por me alimentar e me aguentar, e ao meu primo, *Murilo Henrique*, que desenhou as duas imagens usadas neste trabalho, e nunca me negou ajuda.

Em terceiro, a todos meus amigos em Brasília, Piauí, São Paulo, Rio de Janeiro, Minas Gerais, Espírito Santo, Ceará e a todos os meus *moots* do twitter. Durante anos, enquanto chorava e tweetava, sobre as coisas que me afligiam, na vida pessoal e acadêmica, vocês me

mandaram energias e comentários positivos. Acredito genuinamente, que todos vocês sempre escolheram ver o meu melhor lado, e isso me fez se tornar a minha melhor versão.

Em quarto, e agora finalmente, na parte acadêmica, aos meus professores, Elaine, Francimaria, Leonardo, Ana Carolina, Giselle e Tássio, aos colegas de classe e a todos os amigos que construí durante esses quatro anos. Professora *Renata Cristina da Cunha*, nunca vou esquecer das nossas conversas e da sua paciência comigo em todo esse processo, você me manteve na terra e me ajudou a navegar um dos momentos mais difíceis da minha vida. Em adição, suas aulas foram espaço extremamente importante para eu perceber como amo literatura, você sempre me incentivou e confiou no meu potencial, agradeço de coração.

Ao meu querido orientador *Ruan Nunes*, você foi a razão de eu voltar a gostar de ler e a escrever, me fazendo retornar meu amor pela arte. Repito a dizer, que acho incrível o seu olhar não só sobre livros, mas sobre arte em geral, espero um dia me tornar metade do que você é como professor. Agradeço por todo o apoio, durante todo nosso podcast, pelas conversas, trocas de experiências, pelos ensinamentos tão especiais que vou levar para toda a minha vida, por me receber em sua casa e ser sempre tão paciente comigo durante toda a graduação e especialmente, na construção desse trabalho. Muito obrigada por me permitir surtar e me acalmar, você é realmente incrível, e todo seu esforço e carinho me transformou para sempre.

A todos os amigos que construí na Universidade e por meio dela: *Amanda, Franciel, Giovanna, João Henrique, Letícia, Isabella e Andreza*. Vou sentir falta de nossas risadas e piadas, fingindo ser alunos do fundamental e do médio, de todas as figurinhas feitas e todos os intervalos comendo na cantina e fofocando muito. É esquisito imaginar um futuro em que eu não veja vocês com tanta frequência, mas espero do fundo do meu coração, que vocês tenham futuros felizes e bem-sucedidos.

A três pessoas em especial: Brenda, Michel e Renata. *Brendinha*, vou sentir falta dos nossos dias juntas de estágio e das nossas conversas polêmicas durante o café, você e eu cavalonas conterrâneas de Brasília – Piauí, obrigada por todo o apoio e carinho. *Michel*, meu irmão acadêmico, me ajudou imensamente na construção desse trabalho, além de sempre me apoiar e quebrar meu galho, let's be adult friends forever, e vencer juntos. E claro, a minha amiga *Renatinha*, você foi meu pilar, meu braço direito, meu quebra galho, meu “bom dia” de todo dia durante esses quase quatro anos, você me ensinou a ser gentil, prestativa, e a ser uma pessoa melhor, eu espero que eu tenha feito um impacto na sua vida da mesma forma que você fez na minha, pois nunca vou te esquecer.

Em adição, um agradecimento especial a todas as pessoas do meu cotidiano durante esses anos. Aos funcionários da UESPI, aos atendentes das cantinas, aos tios da segurança (que me ajudavam todos os dias com o ar-condicionado), aos funcionários da limpeza, e ao Belarmino que sempre disse que eu ia conseguir, e me fez companhia quando eu tinha que imprimir os trabalhos de toda a turma, muito obrigada a todos pela paciência e gentileza. E, aos funcionários do transporte público, e a todos os mototáxis que me deixaram e buscaram na Universidade, que quebraram muito meu galho, sempre sendo tão queridos.

E por fim, agradeço também a todos os mais de 36.918 minutos de música que ouvi durante o ano em que escrevi esse trabalho. Foram mais de 700 artistas e 1000 álbuns estourando meus ouvidos enquanto eu lutava para encontrar as palavras certas. A música sempre foi um escape para minha mente confusa e complicada, então sou muito agradecida por ser fã e poder me distrair de todos os problemas mundanos.

Acredito que, de todos os meus privilégios, na vida acadêmica e pessoal, o maior e mais importante deles é ter pessoas que me ajudam e me apoiam, que me aguentam e torcem por mim. Sem todos vocês citados aqui seria difícil ser quem eu sou, e de realizar todas as coisas que realizei. Não sou religiosa, então invés de agradecer a ele e de confiar nele, agradeço a todos vocês por confiarem em mim.



## RESUMO

FIGUEREDO, N. P.. *May the day of your death be sunny*: Uma investigação materialista da sociedade no conto “The Lottery” (2005 [1948]) de Shirley Jackson. 2024. Monografia. (Graduação em Licenciatura em Letras Inglês) – Universidade Estadual do Piauí, Campus Alexandre Alves de Oliveira, Parnaíba, 2024.

Em 1948, um conto de Shirley Jackson narrou a existência de uma pequena cidade que realizava anualmente uma loteria para decidir quem seria a próxima pessoa a ser apedrejada até a morte. “The Lottery” (2005 [1948]) causou choque e surpresa em seus leitores e se consolidou como um clássico no currículo de ensino nos Estados Unidos, sendo escrito em uma era de mudanças e esperanças. Quando olhamos de perto, porém, descobrimos que em paralelo com sua história, o conto retrata uma sociedade mais complexa do que se apresenta à primeira vista. Diante disso, os Estudos Culturais nos permitem analisar obras considerando sua relação com o mundo e com suas práticas culturais, enquanto o materialismo cultural nos ensina que uma obra é parte dos aspectos culturais de uma sociedade, e que essas não podem se isolar do mundo, sendo alteradas e transformadas pelas condições sócio-históricas nas quais estão inseridas. Por este motivo, utilizamos este campo teórico para responder à seguinte questão: quais as relações entre cultura, sociedade e tradição no conto “The Lottery” (2005 [1948]), de Shirley Jackson, a partir da crítica materialista? Para alcançar uma resposta, definiu-se o seguinte objetivo geral: investigar quais as relações entre cultura, sociedade e tradição no conto “The Lottery” (2005 [1948]) de Shirley Jackson a partir da crítica materialista. Também foram estabelecidos os seguintes objetivos específicos: (i) discutir os pressupostos teóricos dos Estudos Culturais e da crítica materialista, com ênfase nos conceitos de cultura e tradição; (ii) verificar como a cultura, por meio da tradição, influencia os valores da sociedade no conto “The Lottery” (2005 [1948]) e quais as consequências dessas relações. Para atingir esses objetivos, desenvolvemos uma pesquisa do tipo bibliográfico, de abordagem qualitativa e natureza exploratória, baseada, entre outros, nos estudos de Raymond Williams (2011), Maria Elisa Civasco (2003), e Jonathan Culler (2011). Dessa forma, os resultados dessa pesquisa revelam que a sociedade reproduz a loteria como tradição e a transforma em aspecto cultural na medida que a usa como ferramenta para promover união e controle. As relações entre as pessoas ali postas, demonstram diferenças de poder que visam o predomínio da cultura dominante, e as consequências dos atos realizados por estes indivíduos, resultam em uma banalização da violência. Portanto, demonstram uma valorização das condições materiais acima dos valores humanos, à medida que os personagens não mostram remorso ao matar uma pessoa da própria comunidade e utilizam desse sacrifício humano para manter essas condições.

**Palavras-chave:** Estudos Culturais; materialismo cultural; sociedade; tradição; Shirley Jackson.

## ABSTRACT

FIGUEREDO, N. P.. *May the day of your death be sunny*: A materialism investigation of society in the short story “The Lottery” (2005 [1948]) by Shirley Jackson. 2024. Monograph. (B.A.in English) – Universidade Estadual do Piauí, Campus Alexandre Alves de Oliveira, Parnaíba, 2024.

In 1948, a short story written by Shirley Jackson narrates the existence of a small town that holds an annual lottery to decide who will be the next person to be stoned to death. “The Lottery” (2005 [1948]) shocked and surprised its readers and became a classic of the high school curriculum in the United States, written in an era of change and hope. When we look closely, however, we discover that in parallel with its story, the short story portrays a society that is more complex than it appears at first glance. Taking that into consideration, Cultural Studies allows us to analyze literary works considering their relationship with the world and its cultural practices, while cultural materialism teaches us that literary works are part of the cultural aspects of a society, and these cannot be isolated from the world, being altered and transformed by the socio-historical conditions in which they are inserted. For this reason, we used these theoretical fields to answer the following question: what are the relationships between culture, society, and tradition in the short story “The Lottery” (2005 [1948]), by Shirley Jackson, from a critical materialist perspective? To offer an answer, the following general objective was established: to investigate the relationships between culture, society, and tradition in the short story “The Lottery” (2005 [1948]) by Shirley Jackson from a critical materialist perspective. The following specific objectives were also established: (i) to discuss the theoretical assumptions of Cultural Studies and materialist criticism, with special attention to the concepts of culture and tradition; (ii) to verify how culture, through tradition, influences societal values in the short story “The Lottery” (2005 [1948]) and what the consequences of these relationships are. To achieve these objectives, a bibliographical investigation was carried out, with a qualitative, exploratory approach, based, among others, on the studies of Raymond Williams (2011), Maria Elisa Cevasco (2003), and Jonathan Culler (2011). All things considered, the research findings reveal that society reproduces the lottery as a tradition and transforms it into a cultural aspect, and it is used as a tool to promote unity and control. The relationships between the people demonstrate differences in power that aim at the predominance of the dominant culture, and the consequences of the acts carried out by these individuals result in a trivialization of violence. Therefore, they demonstrate how they want to measure the material conditions above humanist values, as the characters show no remorse when killing a person from their community and use human sacrifices to maintain these conditions.

Keywords: Cultural Studies; cultural materialism; society; tradition; Shirley Jackson.

## SUMÁRIO

<b>1 CONSIDERAÇÕES INICIAIS.....</b>	<b>11</b>
<b>2 SOBRE OS ESTUDOS CULTURAIS E O MATERIALISMO.....</b>	<b>18</b>
<b>2.1 A literatura nos Estudos Culturais.....</b>	<b>18</b>
<b>2.2 A crítica materialista e o materialismo cultural.....</b>	<b>20</b>
<b>3 ALÉM DO MUNDO PRETO E BRANCO: “THE LOTTERY”, DE SHIRLEY JACKSON.....</b>	<b>24</b>
<b>3.1 A mãe do terror e a loteria.....</b>	<b>24</b>
<b>3.2 Um dia como em todo ano: a cultura e a sociedade em “The Lottery”.....</b>	<b>27</b>
<b>3.3 “Sempre existiu uma loteria”: a pressão social da tradição.....</b>	<b>38</b>
<b>4 CONSIDERAÇÕES FINAIS.....</b>	<b>47</b>
<b>REFERÊNCIAS.....</b>	<b>51</b>

## 1 CONSIDERAÇÕES INICIAIS

Você já pensou como estará o tempo no dia da sua morte? Uma colega de escola, no ensino médio, e eu tínhamos uma brincadeira de dizer que dias ensolarados, poucos quentes, mas com sol, eram ótimos dias para morrer, pois pelo menos partiríamos dessa para outra com menos melancolia. Essa memória de adolescência, em conjunto com referências da obra desta pesquisa foram as inspirações para o título deste trabalho de conclusão intitulado “May the day of your death be sunny”<sup>1</sup>.

No começo de “The Lottery” (2005 [1948]), o dia da realização dos acontecimentos está ensolarado (“sunny”), e ao final (*spoiler!*), a história termina com a morte (“death”) de uma das personagens. O contraste entre um começo com uma atmosfera aparentemente feliz e um final mórbido, cria um dos aspectos de surpresa e horror da obra. Este nome também foi escolhido como homenagem ao ensaio que originou a ideia desta pesquisa, que carrega o mesmo título.

A verdade é que, desde pequena, eu<sup>2</sup> não pensava apenas em dias bons para a morte, passava, em geral, mais tempo dentro da minha cabeça do que fora dela. Fui uma criança que sempre sonhava acordada com todas as possibilidades de aventuras desse mundo, e como nunca poderia realizá-las, pois minhas limitações não me permitiram. Foi dessa forma, entre querer realizar mais do que podia, que me encontrei nos livros, nas séries e nas músicas.

De situações cotidianas a fantasias, de fantasmas a assassinatos, livros e séries me permitiram viver todos os momentos que não podia, e sentir todos os sentimentos que sempre quis. Quando criança, eu me permitia viver essas emoções pelos desenhos animados, e meu favorito era *Scooby-Doo, Where Are You!* (1969). O desenho, com quatro amigos e um cachorro falante, me influenciou desde cedo a gostar de mistérios e caçadas. Lembro claramente de ficar cativada pela amizade do grupo, e das piadas de Salsicha e Scooby, mas minha parte favorita era descobrir quem era o vilão do episódio e o motivo por trás dos acontecimentos.

O gosto pelo mistério, por monstros, e especialmente pelo terror se manteve na minha adolescência, neste momento pelas séries de crimes e mistério, *Criminal Minds* (2005), *The Mentalist* (2008), *Bones* (2005), *Castle* (2009), e os livros de Agatha Christie eram meus favoritos. Entretanto, foi na universidade que este gosto cresceu, quando fui apresentada aos

<sup>1</sup> “Que o dia da sua morte seja ensolarado” (tradução nossa).

<sup>2</sup> Uso da primeira pessoa do singular por se tratar de narrativa pessoal do pesquisador.

poemas de Edgar Allan Poe e aos contos e livros de Shirley Jackson, nos quais encontrei prazer em uma literatura que me fazia pensar nos limites e poderes das palavras.

Ao repensar minha trajetória no curso de Letras Inglês, percebo dois momentos que foram indispensáveis no meu processo de crescimento pessoal e acadêmico. O primeiro foi nas aulas de Teoria da Literatura, com o Prof. Dr. Ruan Nunes no terceiro semestre, ao ser introduzida ao conto “The Lottery” (2005 [1948]) de Shirley Jackson. Neste momento, ao mesmo tempo que, fiquei apaixonada pela forma como a autora constrói uma história de terror tão surpreendente, com o incentivo do professor, me reconectei com meu lado leitor, voltando a enxergar prazer na literatura.

O segundo momento, surgiu durante as aulas de Crítica Literária, ministradas pela Prof. Dra. Renata Cristina da Cunha, no quarto semestre. Em meio a debates e estudos, suas aulas me ensinaram a olhar para obras literárias com outra perspectiva, em que, ao notar as características de uma obra, pude entender histórias mais profundamente e compreender que elas têm propósitos. Ao construir uma história, o autor, de forma consciente ou não, propõe que o leitor sinta algo, que pense além das palavras escritas ali.

Essa nova visão me fez enxergar obras de outro jeito, inclusive para meu desenho infantil favorito mencionado anteriormente. Em *Scooby-Doo, Where Are You!* (1969), podemos observar a cada novo episódio um novo monstro que pretende assombrar a cidade, sempre causando danos. Entretanto, ao final do episódio a turma sempre descobria que este monstro, na verdade, era sempre um ser humano comum que, a fim de enganar e manipular situações, a seu favor ou até de machucar pessoas para ganho próprio, se fantasiava como algo grotesco. Ao assistir a série quando criança, não notava quão profundo o desenho poderia ser. Hoje percebo que, no final, a série mostrava que os verdadeiros monstros não eram as criaturas, mas sim os humanos dentro delas.

Dessa forma, pude perceber que em mundo como o nosso em que a violência é praticada abertamente, a verdade é que não deveríamos estar com medo dos monstros, dos vampiros, e das criaturas sobrenaturais, e sim, deveríamos prestar atenção no terror do dia a dia, aquele que está escondido a plena vista. Não é novidade que nossas perspectivas sofrem diariamente alterações pela mídia e influenciam nossas relações (Hjarvard, 2014). Entretanto, mais do que isso, a nossa cultura, aquela que a gente assimila desde criança, é responsável pela forma como pensamos e agimos, estabelecendo nossos valores desde jovens. Estes valores, por serem impostos tão profundamente cedo, se tornam mais difíceis de serem repensados e questionados.

Deste modo, quando precisei escolher uma obra para meu trabalho de conclusão de curso, repensei toda minha trajetória na universidade. E decidi, focar no momento em que mais tive prazer em escrever durante a licenciatura. Assim, me recordei do momento de escrita de um *essay* sobre o conto “The Lottery” (2005 [1948]), no terceiro semestre, como mencionado anteriormente, me fez retornar o gosto pela leitura. Na obra, Jackson aborda, em paralelo a *Scooby-Doo, Where Are You!* (1969), uma realidade em que o verdadeiro horror não é o sobrenatural, como monstros e vampiros, mas sim, algo tão simples, como um evento anual que mascara a violência brutal de uma sociedade. Em vista disso, essa pesquisa gira em torno de explorar as relações entre a cultura e tradição na sociedade no conto e suas consequências.

O conto “The Lottery” (2005 [1948]), de Shirley Jackson, foi primeiramente publicado em uma edição da revista *The New Yorker* em 1948. O conto foi um sucesso, e é lembrado até hoje como uma obra importante da literatura estadunidense, é considerado favorito da grade curricular do ensino médio no país, possuindo inclusive adaptações para a televisão e teatro. Porém, à época, o jornal recebeu uma resposta controversa dos leitores que, enraivecidos, escreveram centenas de cartas contendo críticas quanto a veracidade dos fatos apresentados durante a história e a sua conexão com a realidade da época, obrigando a revista a clarificar que a obra se tratava de uma ficção, e expor que nunca recebeu tantas respostas sobre um trabalho do gênero (Franklin, 2017). Nesse sentido, compreendemos que a recepção negativa do conto diz muito sobre o que o próprio texto literário traduz do mundo social estadunidense da época.

Em seu livro *Culture and Society*, o crítico literário Raymond Williams (1959) aborda que a literatura pode ser uma forma de investigação social, e como pelo uso da escrita a literatura pode ser “[...] man's only profitable response to his altered and dangerous condition”<sup>3</sup>. Ao afirmar que literatura é uma prática que está na sociedade desde o princípio, Williams (1979) faz uma conexão entre a prática social e a arte, pois, segundo o autor, não podemos separar a literatura e a arte, de outros tipos de práticas sociais. Isto é, obras literárias estão conectadas com questões sociais, culturais e históricas, uma obra não é apenas uma obra sozinha, ela carrega com si bagagem social indispensável para sua interpretação.

Nessa direção, podemos afirmar que a literatura pode nos ajudar a entender como as sociedades funcionam e o que as influencia a serem como são. Assim, ao folhear as páginas dos livros, adentramos mundos ficcionais ou não, que possuem características diversas do

---

<sup>3</sup> “[...]a única resposta proveitosa do homem à sua condição alterada e perigosa” (tradução nossa).

mundo em que vivemos. Dessa forma, as situações políticas e econômicas interferem, não só no jeito que experienciamos a vida, mas também afeta nossos relacionamentos, e, portanto, como escrevemos e vemos o mundo ao nosso redor.

Com isto em mente, podemos olhar para a maior potência mundial atual, os Estados Unidos da América, com um novo olhar ao analisarmos os mundos criados pelos seus autores. Após a Segunda Guerra (1945), os Estados Unidos experienciaram um aumento econômico que os estabelece como potência no novo mundo moderno capitalista (Rodrigues, 2011). Esse novo status também concedeu ao país, além da influência comercial, uma influência cultural que é vista hoje em todo o mundo, em que o país exporta, pelos meios de comunicação, não apenas as famosas celebridades, mas também seus valores morais.

Como consequência, é importante considerar que o país possui influência direta em nossos hábitos e comportamentos no dia a dia (Mauad, 2001). Ao observar a relevância que a cultura estadunidense possui no mundo globalizado, é relevante averiguar o que essa cultura realmente é, e em que cenário ela surge, afinal, ao absorver esses valores de forma proposital ou não, estamos fadados a propagá-los. Ao estudar a história do país e analisar suas guerras e conflitos, Luciano Daudt da Rocha e Ricardo Duwe (2022, p. 5) abordam como os Estados Unidos são um país que possui “[...] feridas abertas e processos inacabados”, e por essa razão ainda perpetuam desigualdade social, racial e econômica. Assim, ao estudar a literatura, podemos investigar e denunciar as cicatrizes de um país que possui desde seu berço conflitos de violência, e que até hoje sofrem com a cicatrização dessas feridas.

À vista disso, o materialismo cultural, como um exercício crítico, ao estudar obras literárias “[...] detecta pontos de dissidência que permitem ouvir a voz dos indivíduos socialmente marginalizados e expõe o sistema ideológico responsável pela exclusão” (Bonnici, 2009, p. 155). Deste modo, podemos investigar com um olhar crítico e político, os acontecimentos culturais nos objetos literários, e entender o que estes nos dizem sobre essas sociedades. Portanto, é possível observar os valores e os significados da sociedade dos Estados Unidos nas obras da estadunidense Shirley Jackson, uma vez que a autora participou, em vida, da cultura americana e ainda faz parteativamente pelas suas obras.

Nessa direção, ao pesquisar outros trabalhos que usaram “The Lottery” (2005 [1948]) como corpus de pesquisa, encontramos duas pesquisas relevantes que ajudaram na construção desta monografia. O primeiro “A Marxist interpretation of Shirley Jackson’s ‘The Lottery’”, de Albertus Suwardi (2009), buscou analisar o conto por uma perspectiva marxista. O autor aborda como os conceitos de Karl Marx, sobre os interesses materiais da classe social

dominante, são expostos no conto por meio de uma tradição seguida cegamente como mecanismo ideológico, que causa medo e controle sobre os moradores da pequena cidade.

O segundo trabalho localizado, “Blind Faith and Mob Mentality as a Killing Mechanism in Shirley Jackson’s The Lottery”, Rajesh Bojan (2023), aborda o papel que a fé e a “mentalidade do rebanho” causam no conto, ao apresentar outros casos de violência e brutalidade que aconteceram na história, como os julgamentos das bruxas de Salem. O autor discute como no conto a loteria se mantém pela pressão social, que, ao acreditar cegamente na tradição, perdem-se as morais individuais ao passo que os residentes da cidade se mantêm calados diante da situação, se acomodando.

Diante do exposto, considerando estes e outros trabalhos, em que, o conto possui traços de tradição e pressão social, e considerando a relevância da cultura estadunidense e a importância da crítica social, essa pesquisa busca responder a seguinte pergunta: quais as relações entre cultura, sociedade e tradição no conto “The Lottery” (2005 [1948]), de Shirley Jackson, a partir da crítica materialista? Com o intuito de alcançar uma resposta, estabelecemos como objetivo geral: identificar quais as relações entre cultura, sociedade e tradição no conto “The Lottery” (2005 [1948]), de Shirley Jackson, a partir da crítica materialista. Como objetivos específicos, foram estabelecidos: (i) discutir os pressupostos teóricos dos Estudos Culturais e da crítica materialista; (ii) verificar como a cultura, por meio da tradição, influencia nos valores da sociedade no conto “The Lottery” (2005 [1948]) e quais as consequências dessas relações.

Para alcançar esses objetivos, adotamos uma pesquisa do tipo *bibliográfico*, com abordagem *qualitativa*, de cunho *exploratório* e *interpretativo*. A pesquisa realizada se qualifica como bibliográfica, pois foi baseada em escritos acadêmicos publicados anteriormente, como livros e artigos, desenvolvidos por outros pesquisadores da área (Paiva, 2019). Em adição, possui abordagem *qualitativa* que, de acordo com Suely Ferreira Deslandes e Romeu Gomes (2009, p. 21), se ocupa de abordar o “universo da produção humana”. Dessa forma, se tornando cabível, visto que, nosso foco foi em examinar aspectos sociais, com o objetivo de analisar e investigar ações, reações e relações humanas.

Ademais, o cunho da pesquisa se qualifica como *exploratório* que, segundo Gil (2021, p. 26), possui finalidade de “desenvolver, esclarecer e modificar conceitos [...]. Nossa pesquisa se encaixa nesse viés por procurar desenvolver conhecimentos acerca dos conceitos escolhidos, neste caso dos Estudos Culturais e materialismo cultural. E, por último, como as

análises contidas nesta pesquisa são oriundas dos autores deste trabalho, utilizamos a perspectiva *interpretativista*.

Nessa direção, ao ler o conto “The Lottery” (2005 [1948]), podemos observar as características sociais e políticas da sociedade construída na história e fazer uma conexão entre o país no qual foi publicado. Isto é, no âmbito social, este trabalho é uma denúncia não apenas dessa cultura política popular, mas também de aspectos culturais e tradições que adquirimos desde crianças e propagamos sem dúvida-lhos. Portanto, esperamos que as pessoas que tenham acesso a este trabalho busquem questionar a nossa atual sociedade capitalista, que parece estar tão enraizada na violência, quase nunca questionada e repensada. Esperamos que as pessoas que tenham acesso a este trabalho, começem a enxergar textos literários com novos olhos e começem também a questionar a ideia de livre arbítrio da sociedade em que vivem.

Na perspectiva acadêmica, ao realizar uma pesquisa no acervo bibliográfico digital no site do curso de Letras Inglês da Universidade Estadual do Piauí – Campus Professor Alexandre Alves de Oliveira, observamos que o banco não possui trabalhos de conclusão sobre os Estudos Culturais e ou materialismo cultural como base teórica. Buscamos, dessa forma, no decorrer dessa pesquisa, nos aprofundar em uma área que ainda não dispôs de uma devida atenção, além de explorar uma obra da considerada mãe do terror, Shirley Jackson que também não foi pesquisada no curso.

No âmbito pessoal, este trabalho traz satisfação pessoal e profissional aos pesquisadores. Primeiramente, os autores sentiram gratificação ao se aprofundarem em um assunto em que possuíam curiosidade, este sendo os Estudos Culturais, além de alegria ao utilizar uma obra em que possuem tanta adoração. Na área profissional, como funcionários da educação, o seguinte trabalho ajudou a construir um currículo que visa desenvolver e inspirar seus alunos nas questões sociais e culturais, os ajudando e incentivando a questionar e pensar criticamente.

Referente à organização estrutural deste trabalho, este é separado em quatro seções. Na primeira seção apresentamos como o interesse pela pesquisa surgiu, a contextualização, questão norteadora que conduz nossa pesquisa, e a relevância e metodologia deste trabalho. Na segunda seção, apresentamos a revisão de literatura sobre o que foi escrito acerca dos primórdios dos Estudos Culturais e do seu foco como corrente, baseando-nos nos trabalhos de nomes como Maria Elisa Cevasco (2003, 2009, 2013), Raymond Williams (1959) e Jonathan Culler (2011). Nessa mesma seção, também focamos em explorar o materialismo cultural

como teoria a partir de diferentes trabalhos escritos por Raymond Williams (1979; 2011; 2015), ao longo de sua vida, que nos serviu como base para nossa análise.

Nessa direção, na terceira seção apresentamos a obra “The Lottery” (2005 [1948]), e a autora Shirley Jackson, utilizando a biografia da autora escrita por Ruth Franklin (2016). Em adição, discorremos sobre a teoria do conto com base nas obras de Ricardo Piglia (2004), Angela Soares (2007) e Júlio Cortazar (2006). Após essa introdução a obra e autora, no próximo subtópico, desenvolvemos as análises dos trechos da obra escolhidos, com foco na cultura, sociedade e tradição, utilizando o livro *Keywords* de Williams para desenvolver esses significados, e os trabalhos como os de Terry Eagleton (2011; 2013), entre outros. E por fim, na quarta e última seção, apresentamos a resposta da pergunta norteadora e nossas considerações e reflexões finais sobre este trabalho.

## 2 SOBRE OS ESTUDOS CULTURAIS E O MATERIALISMO

Visto que esta pesquisa tem como base a área dos Estudos Culturais para pensar a questão da cultura e tradição na sociedade do conto, essa seção tem o objetivo de introduzir e apresentar como esse projeto surgiu, quais são seus propósitos e suas inspirações, além de refletir sobre seu intuito como estudo crítico. Também apresentamos uma introdução ao materialismo cultural, descrevendo como essa corrente teórica evidencia aspectos sociais e políticos e nos ajuda a analisar obras literárias por uma nova perspectiva.

### 2.1 A literatura nos Estudos Culturais

Raymond Williams (1980) não só expõe como a literatura deve ser vista em nossa sociedade e investigada enquanto parte da crítica literária, mas também discorre sobre o espaço que esta possui em nossa construção enquanto sociedade. O autor discute que a literatura esteve presente em nossa sociedade desde seus primórdios e, por essa razão, possui valor como pesquisa e como investigação. Consequentemente, para analisar essas práticas artísticas, precisamos nos ater a certas correntes críticas.

Os Estudos Culturais, diferente de outros projetos de estudo, não nasceram de uma universidade de prestígio e sim “[...] de uma escola noturna para adultos, a ‘Workers Educational Association’, destinada a prover os meios educacionais para a integração social dos trabalhadores”. (Cevasco, 2009, p. 319-320) Assim, desde seu berço, os Estudos Culturais se diferenciavam de outras perspectivas críticas da literatura, pois nasceram da necessidade das pessoas de desejarem entender o mundo e observá-lo de forma crítica, recusando a mera reprodução dos valores herdados da sociedade.

Segundo Maria Elisa Cevasco (2009, p. 320), “[o]s estudantes buscavam nos fenômenos culturais uma forma de entender o mundo que os rodeava. Esse entendimento era visto não como a aquisição desinteressada de mais uma habilidade, mas como ferramenta para a transformação social”. Isto é, a literatura ali se transformava, abandonava-se certas normas de ser uma arte apenas de apreciação e passava a ser vista também como instrumento de pesquisa para investigar e entender o mundo.

Ana Carolina Escosteguy (2001, p. 155) afirma que os Estudos Culturais “[...] construíram uma tendência importante da crítica cultural que questiona o estabelecimento de hierarquias entre formas e práticas culturais, estabelecidas a partir de oposições como cultura alta/baixa, superior/inferior, entre outras binariedades”. Portanto, os Estudos Culturais questionavam os ideais do que se pensava ser cultura, colocando em perspectiva o valor desta

no aspecto social das diferentes classes, indagando os valores que estas possuem e seus estados na sociedade.

Segundo Marisa Vorraber Costa, Rosa Hessel Silveira e Luís Henrique Sommer (2003, p. 37), “[o]s textos [dos Estudos Culturais] configuram espaços alternativos de atuação frente às tradições elitistas que persistem exaltando uma distinção hierárquica entre alta cultura e cultura de massa, entre cultura burguesa e cultura operária, entre cultura erudita e cultura popular”. Deste modo, esses estudos pretendem questionar o ideal anterior de que existe uma cultura melhor ou pior que outra, ou que uma é mais importante que outra. Portanto, a palavra cultura deixa de ser apenas a representação do melhor e mais “culto” de uma sociedade e passa a ser título também das representações e expressões humanas de indivíduos de todas as classes sociais.

Stuart Hall (2003) adiciona que nesse meio, se atentou não só a relação entre as transformações históricas e a cultura, mas a relação entre a cultura e a sociedade. Por essa razão, os Estudos Culturais abriram portas para investigar diferentes camadas da sociedade, e sua importância se destaca, segundo Costa, Silveira e Sommer (2003, p. 38), com a investigação do “[...] conjunto da produção cultural de uma sociedade – seus diferentes textos e suas práticas – para entender os padrões de comportamento e a constelação de ideias compartilhadas por homens e mulheres que nela vivem”. Portanto, através desses estudos, ao analisar as produções culturais de diferentes grupos, podemos compreender seus padrões, suas vontades, seus anseios, suas decisões, seus modos de agir e de pensar.

Em adição, Cevasco (2003, p. 64) reafirma que os Estudos Culturais pensam na arte e na sociedade em conjunto, como projetos artísticos e intelectuais constituídos pelas práticas sociais. Ademais, a autora reitera que elementos que podem ser considerados externos à obra, podem também ser internos “[...] na medida em que estrutura a forma das obras e dos projetos, por sua vez, articulam os significados e os valores da sociedade”. Portanto, é correto afirmar que, para esse objeto de estudo, obras artísticas não conseguem se desprender dos elementos do meio da qual fazem parte, contendo componentes que demonstram princípios e conceitos dessas sociedades.

É importante frisar, contudo, que, como sublinha Adriana Facina (2004, p. 25), a literatura não é um simples espelho da realidade. A autora discorre que “[...] analisar uma determinada manifestação cultural significa tomar a relação entre o objeto e seu contexto como uma interação e não como uma determinação de mão única”. Isto posto, ao fazer uma análise cultural, devemos nos atentar ao contexto social e histórico da obra, pois, como afirma

Stuart Hall (2003, p. 136), “[o] propósito da análise é entender como as inter-relações de todas essas práticas e padrões são vividas e experimentadas como um todo”.

Dessa forma, considerando o exposto, é correto afirmar que os Estudos Culturais chegaram para mudar a forma como analisamos um objeto literário. Diferente de outros movimentos literários, como o Formalismo Russo, em que o foco eram características internas da obra, os Estudos Culturais buscam relacionar as obras com os movimentos sociais, visto que os elementos externos desses objetos modificam e criam significados, pois literatura é criação humana e social, e deve ser estudada como tal. Portanto, se considerarmos que arte nos acompanha por muito tempo, por exemplo, desde que nossos ancestrais deixaram marcas de sangue em cavernas, é correto afirmar que ela pode evidenciar mais de nós do que gostaríamos de reconhecer.

## 2.2 A crítica materialista e o materialismo cultural

Considerando todo o exposto sobre os Estudos Culturais, devemos retomar que esses estudos visam analisar a cultura não como uma herança a ser respeitada e idolatrada, mas sim algo a ser visto de forma crítica. Alan Sinfield (2005, p. 38), aborda que “[...] critics read for coherence; cultural materialists read for incoherence”. Em outros termos, uma pessoa que segue o pensamento materialista busca identificar certas características sociais, históricas e políticas em obras literárias, com o propósito também, de constatá-las, ou seja, como Maria Elisa Cevasco (2013) afirma, com o objetivo de alterá-las e transformá-las, e não apenas elucidá-las.

Ao pensar sobre as palavras “materialismo” ou “materialista” em *Keywords*, Raymond Williams (2014) as define como palavras complexas que podem possuir uma variedade de significados. Terry Eagleton (2023) cita que é comum muitas pessoas assimilarem seu significado com apego intensivo aos bens materiais, porém Williams (2014, p. 197) atribui outros dois significados:

[...] (i) to a very long, difficult and varying set of arguments which propose matter as the primary substance of all living and non-living things, including human beings; (ii) to a related or consequent but again highly various set of explanations and judgments of mental, moral and social activities; and (iii) to a distinguishable set of attitudes and activities, with no necessary philosophical and scientific connection, which can be summarized as an overriding or primary concern with the production or acquisition of things and money<sup>4</sup>.

---

<sup>4</sup> “[...] (i) um conjunto muito longo, difícil e variado de argumentos que propõem a matéria como a substância primária de todas as coisas vivas e não vivas, incluindo os seres humanos; (ii) um conjunto relacionado ou consequente, mas novamente altamente variado, de explicações e julgamentos de atividades mentais, morais e sociais; e (iii) um conjunto distingível de atitudes e atividades, sem a necessária conexão filosófica e científica,

Deste modo, como podemos observar na citação acima, além do senso comum de apego excessivo aos bens materiais, materialismo também pode significar fundamentos que defendem matéria como uma substância básica de todas as coisas, e, outro conjunto de argumentos que defendem atividades mentais, morais e sociais. Eagleton (2023), adiciona que o materialismo reflete sobre como dependemos e fazemos parte do nosso meio, isto é, uma pessoa materialista aborda o papel do ser humano dentro da realidade da sociedade moderna, que pertence ao mundo capitalista.

No entanto, o materialismo é uma prática antiga que ganhou novos contornos a partir dos estudos de Karl Marx no século XIX. De acordo com César Augusto Soares da Costa (2010, p. 67), diferente do sujeito de Hegel, que defendia ser o produto da Razão, Marx defendia que o “[..] sujeito é fruto das condições materiais através das quais eles se reproduzem, ou seja, conjunto das relações sociais de produção e das forças produtivas”. Portanto, a crítica ao capital de Marx possui raízes materialistas, pois este defendia que as condições materiais, nas quais os seres vivem, determinam quem eles são. O teórico utiliza assim o materialismo, de caráter histórico, como seu método principal de análise, ao olhar a sociedade pelas classes sociais.

Nessa direção, a diferença entre o materialismo cultural e a crítica de Marx, se dá no estudo da cultura. Williams (2011) reconhece e discorre sobre ajuda das teorias de Marx ao materialismo cultural, mas retorna as noções utilizadas por Marx sobre a base da superestrutura. Williams (2011, p. 47) argumenta que a base não é apenas um reflexo da superestrutura, e que as relações e forças quando consideradas “[...] significam algo muito mais ativo, mais completo e mais contraditório do que o desenvolvimento metafórico da noção de ‘base’ poderia permitir que percebêssemos”, isto é, o teórico considera a análise da base um conceito importante a ser desenvolvido, não apenas como reflexo, mas com realidades sociais próprias. E assim, afirma que:

Temos de reavaliar a “determinação” para a fixação de limites e o exercício de pressões, afastando-se de um conteúdo previsto, prefigurado e controlado. Temos de reavaliar a “superestrutura” em direção a uma gama de práticas culturais relacionadas, afastando-se de um conteúdo refletido, reproduzido ou especificamente dependente. E, fundamentalmente, temos de reavaliar “a base”, afastando-se da noção de uma abstração econômica e tecnológica fixa e aproximando-a das atividades específicas de homens em relações sociais e econômicas reais, atividades que contêm contradições e variações fundamentais e, portanto, encontram- sempre num estado de processo dinâmico (Williams, 2011, p. 47).

---

que pode ser resumida como uma preocupação primordial ou primária com a produção ou aquisição de coisas e dinheiro” (Williams, 2014, p. 197) (tradução nossa).

Diante desta afirmação, Williams (2011) reafirma a importância de um novo olhar sobre esses conceitos. O autor defende que, devemos estudar a superestrutura como mais do que apenas conteúdo reproduzido e a base como mais do que apenas mera reprodução, considerando suas características e modificações próprias. Embora Williams (2011, p. 51) faça essa afirmação, é importante notar que para o teórico, não podemos abandonar completar a ênfase de superestrutura, pois se ignorarmos as noções de Marx completamente “[...] não seremos capazes de reconhecer a realidade”, tal realidade que deve reconhecer as intenções da classe particular por qual é regida.

E é sob esse novo olhar que o galês Raymond Williams desenvolve a crítica materialista, agora uma crítica que pensa nas relações das classes sociais, através também do viés cultural, sob um novo termo, criado por ele, como *materialismo cultural*. De acordo com Rodrigo Czajka, Walmir Braga de Faria Júnior, Déodalho Neves e Eduardo Russo Ramos (2023, p. 9), o teórico “[...] busca reconciliar os significados de cultura como atividade criativa e todo um modo de vida concreto que a sustenta materialmente”.

Dessa forma, esse campo de compreensão teórico sustenta os Estudos Culturais e bebe das fontes dos estudos marxistas. Essa área, segundo Cevasco (2013, p. 26), “[...] pressupõe a inter-relação base material e produção cultural”, significando que não se comprehende o mundo material como causa ou consequência, mas sim como parte fundamental na produção cultural e na (re)produção de significados. Eagleton (2023) adiciona que o pensamento materialista desconfia dos reflexos da cultura humana, ao mesmo tempo que questiona a ideia capitalista de livre-arbítrio.

No prefácio do livro *Political Shakespeare*, Jonathan Dollimore e Alan Sinfield (1994, p. 12), descrevem como o materialismo cultural se importa não apenas com as obras canônicas, mas também com a produção de trabalhos de grupos marginalizados. Em adição, afirmam que essa abordagem teórica é uma combinação de “[...] of historical context, theoretical method, political commitment and textual analysis”<sup>5</sup>, portanto, estudando as ligações de textos literários na história. Em adição, os autores definem o termo materialismo cultural, de forma abrangente, como *análise cultural*, porém, sendo uma análise cultural política que explora gênero, raça e as classes sociais.

Além disso, Cevasco (2013, p. 16) afirma que, a contribuição que a crítica materialista traz para a crítica cultural é que ao concretizar a relação da cultura com acontecimentos sócio históricos, o materialismo cultural “[...] confere ao trabalho crítico uma relevância social

---

<sup>5</sup> “[...] de contexto histórico, método teórico, comprometimento político e análise textual” (Dollimore; Sinfield, 1994, p. 12) (tradução nossa).

ampla, na medida em que examina a produção cultural como a formalização dos significados e valores de uma determinada sociedade". Portanto, como parte dos Estudos Culturais, a crítica materialista não busca apenas identificar estes princípios da sociedade apresentados em obras literárias e na arte, mas investigar e entender essas relações. Artes essas que são sociais, salienta Antonio Candido (2006, p. 26):

[...] em dois sentidos: depende da ação de fatores do meio, que se exprimem na obra em graus diversos de sublimação; e produz sobre os indivíduos um efeito prático, modificando a sua conduta e competição do mundo, ou reforçando neles o sentimento dos valores sociais. Isto decorre da própria natureza da obra e independe do grau de consciência que possam ter a respeito os artistas e os receptores de arte.

Diante disso, em paralelo com Williams, Candido defendia que a arte na mesma medida que reproduz significados, também a cria. Resumidamente, Thomas Bonnici (2009) expõe que o materialismo cultural considera que obras literárias estão imersas em um grupo formado por elementos das mais diversas formas, em que participam como discurso ideológico, e ajudam a consolidar discursos e ideologias em movimentos de reprodução e produção. Sendo assim, a crítica materialista entende o poder que os textos literários têm enquanto meios de comunicação, e podem testemunhar e participar de discursos e ideologias que decorrem durante o desenvolvimento da sociedade.

Além disso, Cevasco (2003; 2013) afirma que a importância do pensamento materialista recai na análise do que chamamos de cultura. Em um mundo capitalista, onde os meios de comunicação são usados para consolidar discursos ideológicos, o estudo da cultura surge como esperança para que esses discursos não vençam permanentemente. Ou seja, a crítica materialista propõe que a análise cultural é relevante para a criação de uma sociedade mais honesta, pois o materialismo cultural busca os novos significados do futuro.

Considerando o exposto acima, o materialismo cultural é um método político importante para compreender os processos de mudança social. Visto que, uma vez que consideramos os elementos sociais, históricos, culturais, e de classes, o materialismo cultural se transfigura como ferramenta de análise para compreender como essas obras estão no âmago das nossas relações. Por essa razão, a atenção deste trabalho, é utilizar este método para analisar a sociedade e seus elementos culturais, no conto "The Lottery" (2005 [1948]).

### **3 ALÉM DO MUNDO PRETO E BRANCO: “THE LOTTERY”, DE SHIRLEY JACKSON**

Nesta seção, apresentamos a vida da autora Shirley Jackson, com base na biografia escrita por Ruth Franklin (2016), e a obra usada como prática dessa pesquisa. Em seguida, exploramos, em diferentes trechos do conto, as características que revelam como a sociedade funciona dentro da história, com foco na cultura, tradição e violência. As peculiaridades deste grupo social podem demonstrar a razão para os eventos do final do conto, e em adição, revela como os membros reagem (ou não reagem) aos acontecimentos que ocorrem durante a história.

Em adição, é relevante observar que enquanto a primeira versão do conto, como mencionada anteriormente, foi publicada em 1948, utilizaremos os trechos da versão publicada pela Farrar, Straus and Giroux em 2005. Desse modo, para a tradução dos trechos de inglês para português, utilizamos a versão brasileira do livro publicada em 2022 pela Alfaguara e traduzida por Débora Landsberg.

#### **3.1 A mãe do terror e a loteria**

Shirley Jackson nasceu em 14 de dezembro de 1916 em São Francisco, nos Estados Unidos, e faleceu no dia 8 de agosto de 1965, possuindo mais de cinquenta contos escritos, e vários livros publicados durante sua carreira, como os famosos *The Haunting of Hill House* (1959) e *We Have Always Lived in the Castle* (1962). Segundo Ruth Franklin (2016), Jackson viveu em uma era em que não era comum mulheres possuírem ambas profissão e família. Porém, apesar das dificuldades, enquanto transformava o mundo literário, a autora foi casada com o crítico literário, também escritor, Stanley Edgar Hyman, e teve quatro filhos.

Sendo chamada de mãe do terror, Jackson inspirou outros grandes autores como Stephen King, que foi responsável por adaptar outras obras da autora para a televisão, e Neil Gaiman que admitiu amar Jackson e ser influenciado por ela na criação de suas obras. O legado da autora também se estende na criação do prêmio criado em seu nome o “Shirley Jackson Award” que premia obras que se destacam no gênero de horror, dark fantasy e suspense psicológico, ambos Stephen King e Neil Gaiman já foram ganhadores.

Nesta trajetória, as histórias de Shirley Jackson, segundo Franklin (2016, p. 5-6), exploravam desde cedo o papel da mulher na sociedade e no mundo pós-guerra. Os temas no trabalho de Jackson “[...] were so central to the preoccupations of American women during the postwar period that Plath biographer Linda Wagner-Martin has called the 1950s ‘the

decade of Jackson's”<sup>6</sup>. Portanto, em sua década, Jackson explorava a ansiedade causada pelo momento pós-guerra, se aprofundando em temas da vida doméstica das mulheres estadunidenses que sofriam com as mudanças ocorridas após a chegada dos homens da Segunda Guerra.

Uma de suas histórias publicadas neste momento de pós-guerra foi o conto “The Lottery” (2005 [1948]). De acordo com Franklin (2016), muitas histórias sobre o momento de escrita do conto e suas inspirações foram criadas, porém, a própria Shirley Jackson compartilhou em uma palestra que a inspiração surgiu de um livro que leu na época, sobre a escolha de uma vítima para um sacrifício. Em adição, Jackson contou em outra palestra sobre “The Lottery”, que a ideia do conto veio em uma manhã de junho, enquanto voltava para casa com sua filha, a autora colocou sua filha em seu playpen, e sentou-se para escrever (Franklin, 2016). Para a autora, o conto era apenas mais uma história.

Gustavo Vargas Cohen (2012) aborda algumas características ao redor da recepção da história na época de sua publicação. Cohen (2012, p. 53) salienta que, “[...] the contents of her stories and the underlying ideology that often times surfaced mercilessly in her writings and so poignantly touched many people’s sensitive nerves”<sup>7</sup>. Esses pontos sensíveis tocados pela narrativa de Jackson cristalizam diferentes características da época. Por exemplo, Cohen (2012) comenta que por carregar particularidades sobre a realidade das mulheres naquele momento pós-guerra, o público feminino recebia sua literatura de formas contraditórias. Segundo Cohen (2012), entre as cartas enviadas para a revista e para a própria escritora, continham pessoas perguntando se podiam saber onde aquelas loterias estavam acontecendo e se seria possível assisti-las.

Essa resposta contraditória e agressiva é um reflexo dos conflitos da época. No final da década de 1940, os Estados Unidos passaram por uma série de mudanças recorrentes ao fim da Segunda Guerra. Essas mudanças incluíam, além do pontapé econômico que mudou o país, momentos de reflexões, inovações e introduções de grandes ícones que mudariam a história do país, e o resultado é a grande potencial mundial vista hoje. É nesse contexto que nasce o conto discutido nesse trabalho, nesse centro de mudanças das relações sociais, econômicas e culturais.

---

<sup>6</sup> “[...] foram tão centrais para as preocupações das mulheres americanas durante o período pós-guerra que Linda Wagner-Martin, biografista de Sylvia Plath, chamou a década de 1950 de ‘a década de Jackson’” (tradução nossa).

<sup>7</sup> “[...] o conteúdo de suas histórias, e a ideologia subjacente, que muitas vezes aparecia sem piedade em suas escritas, e tão fortemente tocou os nervos sensíveis de muitas pessoas” (tradução nossa).

Em “The Lottery” (2005 [1948]), o dia 27 de junho começa bonito e ensolarado, as crianças buscam pedras e colocam em seus bolsos enquanto os moradores se juntam na praça. No início do conto, observamos a chegada dos personagens a praça e as conversas paralelas que ocorrem referentes ao evento. Em um momento, Old Man Warner, um personagem secundário e plano, narra a existência de um ditado “Lottery in June, corn be heavy soon” (Jackson, 2005, p. 227)<sup>8</sup>, ou seja, o objetivo do evento é ajudar os moradores a terem uma boa colheita de milho.

Para a realização da loteria, é exibida uma caixa de madeira em cima de um banco, e os moradores masculinos representantes de cada família devem pegar um papel de dentro da caixa. Os papéis devem ser abertos juntos, e um destes papéis brancos possui um círculo preto no centro. No enredo, o “homem da família” que seleciona o papel com o círculo é o personagem chamado Bill Hutchinson. Após a abertura, Mr. Summers, realizador da loteria, instrui que cada pessoa da família de Bill, incluindo o chefe da família, sua esposa e suas crianças, a pegarem um novo papel de dentro da caixa. Assim, novamente, a pessoa que pegar o papel com o círculo preto é o grande ganhador da loteria. Neste caso, Tessie Hutchinson, a esposa de Bill, seleciona o papel sorteado, e o prêmio da loteria é revelado: ser apedrejada até a morte pelos moradores da cidade e sua família.

Angélica Soares (2007, p. 54) discorre que o conto se diferencia de outras formas narrativas por suas características estruturais e pelo tamanho. Enquanto o romance se preocupa em apresentar mais detalhes e conflitos se aprofundando nas vidas dos personagens e nos enredos, o conto aparece “como uma amostragem, como um flagrante, ou instantâneo [...] um episódio singular e representativo”. A autora adiciona também, que o conto delimita outras características como o tempo e o espaço, e que o gênero literário necessita de uma combinação dos componentes com foco no essencial.

Em “The Lottery” esse episódio singular gira em torno do dia da realização da loteria. Jackson limita as informações apresentadas sobre os personagens, apresentando quase nenhuma informação prévia relacionada a eles ou a razão para a realização do evento. Essa escolha de restringir certos aspectos, produz perguntas sobre os motivos e justificativas dos acontecimentos, também ajuda a criar a surpresa do final da história. Esse fim é muito surpreendente e deixa um impacto no leitor, e que os leva a ler novamente a história a procura de indicações de trechos que indicassem aquele final.

---

<sup>8</sup> “Em junho tem loteria, depois tem a colheita”. (tradução de Débora Landsberg) (Jackson, 2022).

Ricardo Piglia (2004), em seu livro *Formas Breves*, apresenta duas teses sobre o conto que nos ajudam a entender melhor como este gênero literário funciona. De acordo com o autor, a primeira tese é que um conto sempre conta duas histórias, e a segunda tese afirma que “a história secreta é a chave da forma do conto e de suas variantes” (Piglia, 2004, p. 91). Essa segunda história, chamada de “história secreta” pelo autor, é contada através do interdito, aquilo que não está explícito com palavras durante a obra.

Jackson utiliza do interdito para criar o final surpreendente, sendo esta a história secreta. Por exemplo, desde o começo se cria um ar de positividade, com o dia começando ensolarado, e o próprio nome da história ser loteria, que normalmente é relacionado a felicidade com um prêmio. Esses elementos enganam os leitores que ao lerem o conto quase que inocentemente, se surpreendem com o final. Portanto, Jackson conta duas histórias, a primeira sendo a simples realização de um sorteio, e a segunda as indicações e motivos que nos levam a um ato tão bárbaro e aparentemente normalizado pelos personagens. É esta história secreta, o problema da relação entre cultura, tradição e sociedade que nos interessa investigar agora a partir da crítica materialista.

### **3.2 Um dia como em todo ano: a cultura e a sociedade em “The Lottery”**

Quando citamos a palavra “cultura”, é comum pensarmos em práticas características de grupos sociais, como eventos anuais, como, por exemplo, o carnaval, a festa junina e feriados tradicionais locais. Em contrapartida, outras percepções surgem por exemplo, na década de 1970, durante a segunda onda do movimento feminista, quando o termo “cultura do estupro” (Prado, 2024, online), surge com uma conotação negativa, uma surpresa considerando que a palavra é normalmente vista com olhos positivos. A verdade é que, segundo Raymond Williams (2014), “culture” é uma das palavras mais complicadas na língua inglesa e carrega significados diferentes durante a história, percorrendo um caminho longo até alcançar o que hoje é popularmente considerado como seu significado.

Ao abordar o sentido etimológico da palavra em *A Ideia de Cultura* (2011), Terry Eagleton afirma que inicialmente essa se relaciona com a natureza e o cultivo agrícola. Segundo o autor, essa relação com o cultivo torna a cultura algo natural, atribuído ao que a natureza faz conosco e ao que fazemos com ela, ou seja, sendo uma questão do que atribuímos ao mundo, a nós mesmos, e o que ele atribui a nós externamente.

Se a palavra “cultura” guarda em si os resquícios de uma transição histórica de grande importância, ela também codifica várias questões filosóficas fundamentais.

Neste único termo, entram indistintamente em foco questões de liberdade e determinismo, o fazer e o sofrer, mudança e identidade, o dado e o criado. Se cultura significa cultivo, um cuidar que é ativo, daquilo que cresce naturalmente, o termo sugere uma dialética entre o artificial e o natural, entre o que fazemos ao mundo e o que o mundo nos faz (Eagleton, 2011, p. 11).

De acordo com Eagleton (2011), a palavra “cultura” também transcorre um processo de mudança em seu significado que acompanha a própria mudança da sociedade do rural para o urbano. Entretanto, uma contradição existe ao passo que a palavra começa a ser usada para se referenciar a uma “pessoa culta”, na qual, “[...] são os habitantes urbanos que são ‘cultos’, e aqueles que realmente vivem lavrando o solo não o são. Aqueles que cultivam a terra são menos capazes de cultivar a si mesmos. A agricultura não deixa lazer algum para a cultura” (Eagleton, 2011, p. 10). Isto é, a própria palavra acompanha mudanças e transições do mundo capitalista de exclusão e separação entre pessoas que dominam e pessoas que são dominadas, na qual, a verdadeira cultura é relacionada a práticas exclusivas dos mais ricos, a excluindo das práticas populares dos mais pobres.

Como neste trabalho estamos analisando as relações dos indivíduos no conto por um viés materialista, é importante olhar também para o espaço social. Segundo Luis Alberto Brandão Santos (2007), o espaço social “[...] é tomado como sinônimo de conjuntura histórica, econômica, cultural e ideológica”. Portanto, temos que estabelecer que, socialmente, o período em que a obra foi escrita, logo após a Segunda Guerra, era visto como um momento de esperança e felicidade. Em contrapartida, o mesmo não pode acontecer para todas as, em média, 60 milhões de pessoas que morreram durante o confronto.

Nessa direção, é possível discutir que a obra está inserida em período histórico em que as aparências enganam, se considerarmos que, por mais que o momento parecia de felicidade, aquela “paz”, foi conhecida em cima da morte de milhões de pessoas. Em paralelo, em “The Lottery” temos indicação da razão para o evento é quando um ditado popular é mencionado, “Lottery in June, corn be heavy soon” (Jackson, 2005, p. 227)<sup>9</sup>. Em outros termos, o sacrifício humano, é a troca por uma plantação de milho em abundância, ou seja, matar alguém garante que os outros possuam prosperidade em sua colheita.

Toda a história gira em torno dessa loteria que jaz em cima da confiança de que ao matar uma pessoa, eles garantem uma boa colheita. Portanto, colocam os valores materiais da produção de milho acima dos valores éticos e morais básicos de que matar alguém é algo bárbaro. O que acontece, então, é que o cuidado com a terra se sobressai ao cuidado com o outro, os moradores dão valor absoluto ao produto capitalista, que ajuda eles a manterem uma

---

<sup>9</sup> “Em junho tem loteria, depois tem a colheita” (tradução de Débora Landsberg) (Jackson, 2022).

vida “melhor”, evidenciando os valores materialistas. Os valores humanistas, como o cuidado e valorização da vida humana, parecem se perder na mente dos habitantes do vilarejo e o ato de violência de apedrejar uma pessoa, se torna justificável ao ser realizado para “um bem maior”, para ajudar a segurar os bens materialistas do resto da população.

Em outro momento, segundo Williams (2014), cultura foi sinônimo de “civilização”, porém Eagleton (2011) argumenta que hoje significa quase que um oposto, sendo usada e percebida de forma muito mais profunda. Segundo Williams (2015, p. 5), a palavra “cultura” é usada em “[...] dois sentidos: para designar todo um modo de vida – os significados comuns –; e para designar as artes e o aprendizado – os processos especiais de descoberta e esforço criativo. [...], mas insisto nos dois, e na importância de sua conjunção”. Deste modo, ao frisar a importância do uso dos dois sentidos, o autor afirma que o significado de cultura é algo profundo, porém, para ele a cultura é na verdade comum.

A cultura é algo comum a todos: este é o fato primordial. Toda sociedade humana tem sua própria forma, seus próprios propósitos, seus próprios significados. Toda sociedade humana expressa isso nas instituições, nas artes e no conhecimento. A formação de uma sociedade é a descoberta de significados e direções comuns, e seu desenvolvimento se dá no debate ativo e no seu aperfeiçoamento, sob a pressão da experiência, do contato e das invenções, inscrevendo-se na própria terra (Williams, 2015, p. 5).

Dessa forma, para Williams (2015), ao afirmar que a cultura é comum, altera a forma como olhamos para a palavra. Para ele, a cultura quando separada entre rico e pobre acarreta uma separação que causa problemas, e cria um jardim em volta de uma “certa cultura”, que a impede de ser tocada e modificada por outros. Para ilustrar seu ponto, Williams (2015) apresenta dois diferentes significados dessa palavra, que ele alega se recusar a aprender.

Ao narrar uma experiência pessoal o autor começa com o primeiro significado, que ele aprendeu em uma “casa de chá” (“teashop”, no original) em sua estadia na Universidade de Cambridge, em que cultura aparece “[...] como um sinal externo e enfaticamente visível de um tipo especial de pessoa, as pessoas cultivadas” (Williams, 2015, p. 6). O teórico compreendia que naquele local, certos valores herdados do passado eram perpetuados e considerados como cultura. Essa noção de cultura está relacionada a uma concepção, ainda bem famosa, da parcela mais rica da sociedade, que considera uma pessoa com cultura, apenas aqueles que possuem acesso a um certo tipo de linguagem, arte, roupas etc.

Em contrapartida, o segundo significado que o autor comenta, que pode ser encontrado no “boteco” (“drinking hole”, no original), representa o oposto do primeiro termo, que muitas vezes é dito a aqueles que “não possuem cultura”. Essa parcela da sociedade, os excluídos da

“teashop”, acreditavam que apenas as práticas produzidas pelas classes oprimidas possuíam valor, recusando a herança de tradição. Essa parcela da sociedade, não ouve música clássica, e sim funk, eles não jogam golfe, e sim futebol, eles não falam corretamente, mas possuem linguajar com gírias e vícios de linguagem.

Para Williams (2015), cultura não é produzida apenas por um grupo exclusivo, ou o que deve ser considerado cultura pertence apenas a um grupo dominante. Para o teórico, todos os seres humanos são produtores de cultura, independente se o produtor for da “teashop” ou do “drinking hole”. Portanto, em outras palavras, a cultura é ativa, é produzida por todos e cresce em conjunto com a sociedade, ou como afirma Williams (2015, p. 5), “[a] sociedade em desenvolvimento é um dado, e, no entanto, ela se constrói e se reconstrói em cada modo de pensar individual”. Isto posto, o que ocorre com uma palavra tão pequena como essa, é uma transição importante, que não apenas afeta o funcionamento da sociedade, mas também nos afeta como indivíduos.

De acordo com Cevasco (2003, p. 11), Williams percebe a mudança do significado da palavra e o debate que gira em torno dela, e prevê “[...] predomínio dos meios de comunicação de massa e pelo desvio do conflito político e econômico para o cultural”. Essa mudança no mundo moderno, da predominância da produção de massa que se cruza com o poder econômico transforma e entrelaça cultura e política, e altera a forma como o materialismo cultural enxerga cultura, que agora é visto como práticas sociais (Cevasco, 2003).

Em “The Lottery”, um dos aspectos culturais que podemos analisar, é a data do acontecimento. A data *27 de junho*, é citada duas vezes, a primeira no começo do conto pelo narrador que estabelece que os eventos acontecem na manhã deste dia, e em uma fala da personagem Tessie Hutchinson. No trecho, enquanto os outros personagens já estão no local do evento, a personagem chega na praça, como podemos ver a seguir:

“**Clearly forgot what day it was,**” she said to Mrs. Delacroix, who stood next to her, and they both laughed softly. “Thought my old man was out back stacking wood,” Mrs. Hutchinson went on, “and then I looked out the window and the kids was gone, and then **I remembered it was the twenty-seventh** and came a-running” (Jackson, 2005, p. 224-225) (grifo nosso)<sup>10</sup>.

Como é possível observar, a personagem chega atrasada para o evento e afirma em conversa com outra morada do vilarejo, Mrs. Delacroix, que tinha esquecido que dia era, mas

---

<sup>10</sup> “‘Esqueci completamente que dia era’, explicou-se para a sra. Delacroix, de pé a seu lado, e ambas deram uma leve risada. ‘Imaginei que meu velho estivesse no quintal empilhando lenha’, a sra. Hutchinson prosseguiu, ‘mas olhei pela janela e as crianças tinham sumido, e foi aí que lembrei que era dia 27 e vim correndo’” (tradução de Débora Landsberg) (Jackson, 2022).

quando lembra que é especificamente o dia 27, saiu correndo ao encontro do resto da cidade. Portanto, podemos notar como a data está gravada como algo simbólico na mente da personagem, de tal modo que apenas a lembrança da data é significativa a ponto de ela lembrar imediatamente do evento.

Dessa forma, é possível que como o evento é anual, a data forneça uma lembrança e importância tal qual uma data comemorativa anual como o Natal, Dia da Independência, Dia dos Namorados ou o Halloween. Izabella Bosisio (2018, p. 203) em sua análise sobre a relação entre religião, cultura e nação, expõe que datas comemorativas são práticas culturais que pertencem à criação de uma identidade de uma nação, da mesma forma, que podem ser usadas como “[...] instrumentos [...] pelo Estado para produzir uma imagem de nação”. Portanto, esses momentos culturais, introduzidos no cotidiano dos indivíduos, ajudam a criar o senso de sociedade ou de uma nação, ou seja, ajudam a manter e a produzir uma imagem de união.

Não é à toa que a loteria “[...] was conducted—as were the square dances, the teen-age club, the Halloween program—by Mr. Summers, who had time and energy to devote to civic activities” (Jackson, 2005, p. 223)<sup>11</sup>. Portanto, era conduzida pela mesma pessoa que gerenciava outros eventos e festas de datas comemorativas, uma pessoa que cuidava ativamente de outras atividades cívicas. Dessa forma, é possível concluir que a data da mesma forma que o evento da loteria em si, é visto como uma prática cultural.

Diante disso, podemos observar que a data estabelecida, pode ser significativa e ajudar na construção de uma “união”. Essa data, ou melhor, período marca também uma mudança de estação da primavera para o verão estadunidense, ou seja, essa união estaria se solidificando com uma prática cultural presente em um período de transição, da primavera em que as flores desabrocham, para o verão, o período em que se espera colher os frutos, em uma colheita. Assim sugerimos que o conto tematiza o momento de transição da economia e do fazer ideológico da guerra: de um mundo rural para um industrializado.

Essa transição poderia trazer o que Raymond Williams (2011) aponta como emergente, o que traria novos significados e novas práticas que poderiam vir a ser uma ameaça à harmonia estabelecida. Harmonia que pode ser vista como a simples reprodução do que a classe com maior poder material deseja que se pense para que as circunstâncias de controle permaneçam.

---

<sup>11</sup> “[...] foi conduzida — assim como eram as quadrilhas, o clube juvenil, a programação de Halloween — pelo sr. Summers, que tinha tempo e energia para dedicar a atividades cívicas” (tradução de Débora Landsberg) (Jackson, 2022).

Nessa direção, podemos afirmar, como reforça Facina (2004, p. 26), “[...] que cultura, assim como obras literárias, é um produto humano ordinário, inserido na dinâmica das sociedades”. Portanto, ao realizar essa afirmação, que cultura está inserida dentro das sociedades, devemos nos atentar ao que uma sociedade implica, pois se considerarmos que cultura é algo comum e que pertence a todos, de que formas isso altera a compreensão de uma sociedade? Será que podemos entender o que é uma sociedade, seus significados e valores, a partir da sua produção cultural?

Retornando ao senso comum, a palavra “sociedade” normalmente é dita livremente para se referir a diferentes grupos sociais, pequenos ou grandes, ou até para simplificar todos os indivíduos que existem no mundo e vivem juntos seguindo o sistema capitalista. O dicionário *Michaelis* (2024, online), define *sociedade* como “[a]grupamento de pessoas que vivem em estado gregário e em cooperação mútua”. Entretanto, em termos sociológicos, Allan G. Johnson (1997, p. 213) define sociedade como “um tipo especial de sistema”, a qual pode ser definido por um território geográfico “dentro do qual uma população compartilha de uma cultura e estilo de vida comuns, em condições de autonomia, independência e autossuficiência relativas”. Em “The Lottery” (2005), a sociedade seria todo o grupo de pessoas que participam dos eventos do conto, trocam experiências e possuem estilos de vida similares, todo o conjunto de membros que se reconhecem como partes integrantes da vida ali apresentada.

Dessa forma, um dos pontos que nos ajudam a entender como funciona a sociedade no conto “The Lottery”, é a sua forma de narração. Segundo Luis Alberto Brandão Santos e Silvana Pessoa de Oliveira (2001, p. 4), a narração possui “um modo de relacionamento com as coisas, a presença de um sujeito capaz de limitar e controlar o seu campo perceptivo ao imprimir sua subjetividade na matéria narrada”. Essa perspectiva apresentada pelos diferentes tipos de narração transforma nosso olhar sobre a história a ser contada, se tornando ferramenta importante para como a enxergamos.

Em “The Lottery”, o tipo de narração utilizado por Jackson se qualifica como visão por detrás, ou narrador *heterodiegético*. Esse tipo de narrador é aquele que possui saber absoluto da trama, mas não participa dela diretamente, se manifestando na terceira pessoa (Santos; Oliveira, 2001). Ao utilizar dessa narrativa, o conto apresenta reações e sensações dos personagens, e nos introduz às relações e interações entre eles por uma perspectiva de uma pessoa que não atua ou age naquele meio, como uma testemunha que observa, mas não possui voz ativa para mudança. Essa perspectiva contribui para um sentimento de positividade

no começo do conto, que é carregado durante todo o conto, mas também ajuda na construção de um sentimento de normalidade acerca da loteria em si, indicando algo maior e mais estrutural.

Nessa direção, o primeiro parágrafo do conto, a autora desenha uma imagem da pequena cidade, uma imagem de um dia ensolarado em que as flores florescem e a grama é de um rico verde:

The morning of June 27th was clear and sunny, with the fresh warmth of a full-summer day; the flowers were blossoming profusely and the grass was richly green. The people of the village began to gather in the square, between the post office and the bank, around ten o'clock; in some towns there were so many people that the lottery took two days and had to be started on June 26th, but in this village, where there were only about three hundred people, the whole lottery took less than two hours, so it could begin at ten o'clock in the morning and still be through in time to allow the villagers to get home for noon (Jackson, 2005, p. 222) (grifo nosso)<sup>12</sup>.

Podemos notar que o narrador não apresenta nenhuma informação sobre a localização do vilarejo – tampouco qualquer indicação temporal é oferecida. Contudo, comenta sobre a loteria acontecer também em outras cidades, e que naquele vilarejo, em que, apenas cerca de trezentas pessoas vivem, o evento dura menos de duas horas. Todos esses elementos apontam para problemas mais gerais do que apenas aquele que acontece naquela pequena cidade, ao não utilizar tempo ou local, Jackson se isenta de colocar limites sobre os significados dessas informações, indicando até que a loteria é um evento comum e rápido. Ao apresentar tom de normalidade sobre os acontecimentos desde o princípio, com aspectos que normalmente ligamos com um dia positivo como um dia de sol e com flores que brotam em abundância, Jackson prova que as aparências enganam, de forma semelhante, ao período que o país se encontrava na época.

Esse período nos Estados Unidos é visto da mesma forma que no conto, como positividade. Com a volta de seus homens para o país, e o crescimento de casamentos e o baby boom, a criação do The Servicemen's Readjustment Act<sup>13</sup> garantiu melhores condições para a garantia de casas próprias, o que proporcionou para a classe média a mudança para os famosos subúrbios (Browner, 2013). Entretanto, o *American Dream* não incluía, por exemplo,

<sup>12</sup> “A manhã de 27 de junho estava clara e ensolarada, com o calor revigorante de um dia de alto verão; as flores brotavam em abundância e a grama exibia um verde esplêndido. As pessoas do vilarejo começaram a se reunir na praça, entre a agência dos correios e o banco, por volta das dez horas; em algumas cidades havia tanta gente que a loteria durava dois dias e tinha de começar em 26 de junho, mas nesse vilarejo, onde viviam apenas umas trezentas pessoas, a loteria toda levava menos de duas horas, então podia começar às dez horas da manhã e ainda terminar a tempo de os aldeões chegarem em casa para almoçar ao meio-dia” (tradução de Débora Landsberg) (Jackson, 2022).

<sup>13</sup> O Servicemen's Readjustment Act assinado no dia 22 de junho de 1944, pelo então presidente, Franklin D. Roosevelt, visava ajudar os soldados, recém-chegados da guerra.

as famílias latinas ou afro-americanas e socialmente o período é marcado por uma discrepância econômica e cultural.

O narrador heterodiegético se revela, portanto, uma testemunha dessas diferenças. Jackson começa a história com um aspecto otimista e conveniente. Todavia, ao decorrer da história percebemos que as aparências enganam e que, na verdade, aquela positividade esconde um ato cultural tenebroso. Assim, em paralelo com a realidade na época, em que, um momento de felicidade e crescimento econômico acontece em meio a problemas sociais, como de violência contra afro-americanos e contra mulheres.

Diante disto, outro aspecto da sociedade que fica expressa no conto é a diferença em relação às posições de poder entre homens e mulheres. É estabelecido que os homens, chamados até de “chefes de família” (Jackson, 2005, p. 226), são responsáveis por escolherem os papéis a serem sorteados nesta primeira parte da loteria. Dessa forma, em momento antes da realização da loteria o realizador precisa estabelecer a presença desses representantes masculinos, para chamá-los um por um para pegarem o papel, e então temos dois momentos de duas famílias que têm alteração em seus representantes, como conferimos a seguir:

“‘Wife draws for her husband,’ Mr. Summers said. ‘**Don’t you have a grown boy to do it for you, Janey?**’ Although Mr. Summers and everyone else in the village knew the answer perfectly well, it was the business of the official of the lottery to ask such questions formally. Mr. Summers waited with an expression of polite interest while Mrs. Dunbar answered.

“Horace’s not but sixteen yet,” Mrs. Dunbar said regretfully. “**Guess I gotta fill in for the old man this year.**”

“Right,” Mr. Summers said. He made a note on the list he was holding. Then he asked, “Watson boy drawing this year?”

A tall boy in the crowd raised his hand. “Here,” he said. “**I’m drawing for m’mother and me.**” He blinked his eyes nervously and ducked his head as several voices in the crowd said things like “Good fellow, Jack,” and “**Glad to see your mother’s got a man to do it**” (Jackson, 2005, p. 225) (grifo nosso)<sup>14</sup>

No primeiro momento, o realizador pergunta quem vai escolher o papel para a família do Mr. Dunbar, que está com a perna quebrada, e com isso, sua esposa, Mrs. Dunbar informa que vai sortear para a família este ano, em seu lugar. Em um segundo momento, Mr. Summers pergunta se o “Watson boy” vai sortear esse ano e um dos personagens, Jack, afirma que vai

<sup>14</sup> “‘A esposa sorteia pelo marido’, disse o sr. Summers ‘Você não tem um filho crescido para sortear no seu lugar, Janey?’ Embora sr. Summers e todos no vilarejo soubessem muito bem a resposta, cabia ao dirigente da loteria fazer essas perguntas formalmente. O sr. Summers aguardou com uma expressão de interesse cortês enquanto a sra. Dunbar respondia. ‘O Horace ainda não fez nem dezesseis’, a sra. Dunbar declarou com pesar. ‘Acho que vou ter que substituir meu marido este ano’. ‘Certo’, o sr. Summers concordou. Ele fez uma anotação na lista que segurava. Em seguida, indagou: ‘O menino Watson vai sortear esse ano?’ Um garoto alto na multidão levantou a mão. ‘Aqui’, ele disse. ‘Vou sortear pela minha mãe e por mim.’ Piscou com nervosismo e abaixou a cabeça quando diversas vozes na multidão diziam coisas como ‘Bom garoto, Jack’ e ‘Bom ver que sua mãe tem um homem para fazer isso’” (tradução de Débora Landsberg) (Jackson, 2022).

sortear por sua mãe e por ele, sendo recebido com palavras de incentivo pelo resto das pessoas.

Um paralelo histórico que é traduzido nessa cena é o fato de que, após a Segunda Guerra, como mencionamos anteriormente, as mulheres passaram por um momento delicado com a volta de seus maridos e irmãos (em geral da população masculina) para casa após “terem servido” seu país. As mulheres, que, antes da guerra, ocupavam em sua maioria o ambiente familiar de criação de filhos, durante a guerra “[...] passaram a ocupar locais e funções anteriormente consideradas masculinas, tais como engenheiras, motoristas, e integrantes das Forças Armadas” (Perdono; Souza, 2021, p. 65-66). Porém, essa realidade mudou com a volta dos homens, e esperava-se que as mulheres voltassem para o trabalho doméstico.

Dessa forma, após a chegada dos homens, as decisões das mulheres de procurarem e preencherem certos espaços de trabalho foi visto como um problema. Ruth Schwartz Cowan (1989, p. 203) enfatiza que até profissionais da saúde eram contra a ideia de mulheres possuírem carreiras ou trabalhos, “and referred to such ‘unlovely women’, as ‘lost’, ‘suffering from penis envy’, ‘ridden with guilt complexes’, or just plain ‘man-hating’”<sup>15</sup>. Assim, mesmo que as mulheres tivessem provado durante a guerra a capacidade de exercer as mesmas profissões dos homens, ainda eram vistas como pertencentes ao trabalho doméstico, sofrendo de estereótipos machistas e preconceituosos.

Segundo Joanne Meyerowitz (1994, p. 3), o conservadorismo da época “[...] shaped women’s identities, weakened their limited protests, and contained their activities within traditional bounds”. Portanto, o machismo se apresenta como ferramenta de controle sobre essas mulheres, mantendo-as à mercê da cultura dominante da época. Em adição, para controlá-las, essas ideias eram largamente perpetuadas na mídia, e artigos que listavam os benefícios de uma mulher se manter unicamente como dona de casa eram comuns e destinados especialmente para o público feminino (Na, 2016). Em vista disso, é notável como na época o machismo era forte, e habitual, enxergando mulheres como fracas e incapazes.

No trecho, esse modo de olhar para as mulheres pode ser percebido quando notamos a reação negativa a Mrs. Dunbar sorteando em nome de seu marido. Mr. Summers insiste em perguntar se a personagem não tem um “homem crescido” para sortear para ela, e quando Jack avisa que vai sortear por sua mãe, outro personagem diz que ainda bem que a mãe tem um homem para fazer isso por ela. Ao dizer isso, eles reforçam a visão do homem como

---

<sup>15</sup> “e se referiram a essas ‘mulheres mal amadas’, como ‘perdidas’, ‘sofrendo com inveja de pênis’, ‘dominadas por complexos de culpa’, ou simplesmente ‘odiavam homens’” (Cowan, 1989, p. 203) (tradução nossa).

alguém mais responsável e mais forte, como se possuíssem uma habilidade especial que as mulheres não são capazes de ter. Em adição, Mr. Summers chama Jack de “boy”, o que pode indicar que o garoto é ainda muito novo, ou seja, um homem mesmo que mais novo, possui mais autoridade social que a mulher adulta, sua mãe.

Outro detalhe que é relevante analisarmos por essa perspectiva de diferença entre os gêneros no conto, é que todas as pessoas envolvidas na loteria em posições de “poder”, são homens. Mr. Summers, como o realizador e seu ajudante Mr. Graves, que ajuda no dia anterior a colocar os papéis na caixa, tanto quanto, Mr. Martin e seu filho mais velho que ajudam a segurar a caixa e o banco, e claro, os “chefes de família” são todos representantes masculinos. Portanto, os homens têm o poder de indiretamente escolherem quem é o sorteado, um poder que define vida e morte.

É possível afirmar então que as mulheres eram vistas como incapazes e submissas, não tendo nenhum poder naquela sociedade. Essas relações que caracterizam os homens mais fortes, responsáveis e capazes de tomar decisões, reforça e reproduz o sistema de dominação, ajudando a manter indivíduos obedientes, e uma falsa harmonia. Sendo assim, é muito emblemático que uma mulher seja a grande sorteada e morra no final, representando assim a dominação do corpo feminino pela cultura dominante.

Neste rumo, a consequência dessas condições materiais é a normalização dos atos de violência decorrentes daquela cultura dominante. Por exemplo, voltemos ao momento de chegada de Tessie Hutchinson, em que, como já discutimos em excerto anterior, ela protagoniza diálogo com Mrs. Delacroix e comenta sobre a data do evento, em seguida, temos o trecho da continuação:

[...] The people separated **good-humoredly** to let through; two or three people said, in voices just loud enough to be heard across the crowd, ‘Here comes your Missus Hutchinson,’ and ‘Bill, she made it after all.’ Mrs. Hutchinson reached her husband, and Mr. Summers, who had been waiting, said **cheerfully**, ‘Thought we were going to have to get on without you, Tessie.’ Mrs. Hutchinson said, **grinning**, ‘Wouldn’t have me leave m’dishes in the sink, now, would you, Joe?’ and **soft laughter** ran through the crowd as the people stirred back into position after Mrs. Hutchinson’s arrival” (Jackson, 2005, p. 225) (grifo nosso)<sup>16</sup>.

---

<sup>16</sup>“ [...] As pessoas se afastavam cordiais para deixá-la passar: duas ou três pessoas anunciaram, em um tom de voz alto o suficiente para ser ouvido por todo o público: ‘A patroa está chegando, Hutchinson’ e ‘Bill, ela chegou, afinal’. A sra. Hutchinson alcançou o marido e o sr. Summers, que estava esperando, disse com alegria: ‘Achei que teríamos que prosseguir sem você, Tessie’. A sra. Hutchinson retrucou, sorrindo, ‘Você não queria que eu deixasse minha louça na pia, não é, Joe?’ e uma risada suave correu a multidão enquanto as pessoas se agitavam para retornar seus postos após a chegada da sra. Hutchinson” (tradução de Débora Landsberg) (Jackson, 2022).

No trecho, é possível observar que os moradores do vilarejo tratam ela de forma humorada, fazendo piadas e abrindo o caminho para que ela encontre seu marido. Portanto, o narrador faz uso de diferentes palavras para criar esse tom de positividade entre os indivíduos daquela sociedade, como “good-humoredly”, “cheerfully”, “grinning” e “soft laughter”. Todas essas expressões possuem indicadores de otimismo, ou de reações positivas que demonstram um tom de harmonia, de pessoas que se conhecem e são próximas umas das outras.

A construção de um espaço positivo ajuda no choque dos leitores ao final do conto, que ao demonstrar uma sociedade unida, não indica que ela é capaz de matar uma pessoa que conhecem. Portanto, o ato de violência, também é parte da cultura daquele espaço social. Barazal (2014, p. 82) indica que:

[E]m se tratando de sociedade humana, a violência é, ao mesmo tempo, uma criação natural, mas é, também, produtora de si mesma quando se transforma em traços culturais. Isso porque o homem se organiza para estabelecer uma vida comum com seu semelhante e, para tanto, ele tem de definir os limites das ações a serem praticadas pelo grupamento social a que pertence.

Dessa forma, a violência está diretamente ligada com a necessidade dos seres humanos de participarem de uma sociedade. Barazal (2014, p. 78) ainda acrescenta que para entender toda a abrangência da violência, é preciso “[...] levar a cabo a questão da intenção do agente agressor como um fator importante para sua definição. Mas, na intenção do agente está presente a subjetividades da ação humana que sugere justificativas para tais procedimentos”. Portanto, temos que considerar que naquela sociedade as pressões sociais de preservar as condições materiais se tornam justificativa para o ato bárbaro de matar alguém. As consequências desse ato de violência justificável, é, portanto, a falta de remorso ou a banalização do ato violento.

Como aborda Bojan (2023) em sua pesquisa, a fé cega e a mentalidade de turba no conto, faz com que os moradores acompanhem a maioria, sem questionar os atos. Podemos observar isso quando lembramos do excerto do diálogo entre Mrs. Delacroix e Tessie Hutchinson, quando as duas riem juntas (Jackson, 2005, p. 224). Naquele momento as duas parecem amigas, mas no final “Mrs. Delacroix selected a stone so large she had to pick it up with both hands [...]” (Jackson, 2005, p. 230), ou seja, mesmo que a relação dos habitantes seja de proximidade, eles não se segurem a matar um deles quando é preciso para manter aquela tradição. A banalização do ato é tamanha que no final “pebbles”, isto é, pequenas pedras, são oferecidas para o pequeno Davy Hutchinson, em outras palavras, o próprio filho de Tessie é indicado como participante do apedrejamento que levará a sua morte.

Deste modo, já discutimos que o evento pode ser similar a uma data comemorativa, mas também é possível notar que, é parte do cotidiano, como apenas mais uma atividade em uma lista que deve ser cumprida. Por exemplo, no começo o narrador comenta que “[...] the whole lottery took less than two hours so it could begin at ten o’ clock in the morning and still be through in time to allow the villagers to get home for noon dinner”<sup>17</sup> (Jackson, 2005, p. 222), ou seja, após apedrejar alguém até a morte, os habitantes iam para suas casas jantar, como qualquer outro dia normal. O que acontece, portanto, é um pensamento posto como “coletivo”, que não é questionado, e seguido cegamente, que só pensa nos resultados imaginários de uma boa colheita, e não no ato de violência em si.

Nessa subseção, exploramos como a loteria é um aspecto cultural daquela sociedade, e esse aspecto valoriza as condições materiais como mais importantes. Em adição, analisamos trechos que demonstram as relações de desigualdade entre gênero, e as relações de poder que elas causam, ajudando a manter a harmonia e a paz daquela sociedade, sendo mecanismo para o funcionamento do evento. E, por fim, estabelecemos que uma das consequências do apedrejamento, é uma normalidade e banalização, que transforma o ato violento em apenas mais um aspecto do cotidiano. Em continuação, vamos discutir, na próxima subseção, como esse aspecto também é reproduzido como forma de tradição, e as consequências dessas relações de reprodução.

### **3.3 “Sempre existiu uma loteria”: a pressão social da tradição**

Em *The Penguin Dictionary of Sociology*, Nicholas Abercrombie, Stephen Hill e Bryan S. Turner (2006, p. 399), definem a palavra “tradição”, em um sentido literal, como práticas humanas que são transferidas de uma geração para outra. Ao abordar quais práticas humanas, os autores se atentam que habitualmente são referentes a partes da cultura de um grupo social. Outra característica discutida é como o termo tradição se torna relevante em debater no campo da sociologia, quando se pondera sobre a natureza de tais tradições e as autoridades que elas possuem.

Nessa direção, Williams (2014) defende que o termo, ao ser observado mais de perto, pode ser considerado difícil e abstrato, e se atenta que os conteúdos dessa troca entre gerações possuem a idealização de respeito, obrigação, valores e padrões. Williams (2014) também comenta que a variedade de conteúdo repassado que pode ser considerado tradição, quando

---

<sup>17</sup>“[...] a loteria toda levava menos de duas horas, então podia começar às dez horas da manhã e ainda terminar a tempo de os aldeões chegarem em casa para almoçar ao meio-dia” (tradução de Débora Landsberg) (Jackson, 2022).

deixa de ser seguido pode ser considerado uma traição pelas pessoas de um meio social, ou uma rendição, quando seguida.

Williams (1979, p. 118) afirma que “[...] o conceito de tradição foi radicalmente negligenciado pelo pensamento cultural marxista”. Segundo o autor, o marxismo não tende a ver o termo com a importância que este merece e deve possuir na estrutura social, na qual, segundo ele, deve ser vista como uma força ativa e modeladora. Em adição, Williams (1979, p. 119), salienta que a tradição “[...] é um aspecto da organização social e cultural contemporânea, no interesse do domínio de uma classe específica. É uma versão do passado que se deve ligar ao presente e ratificá-lo. O que ela oferece na prática é um senso de continuidade predisposta”.

Williams aborda uma *tradição seletiva* que, na prática, é um meio poderoso de incorporação, e que visa modelar um presente às custas de um passado também já modelado. Ou seja, a tradição nos altera e impõe o processo de identificação social e cultural. Isso significa que tradições estão nos lugares, nas instituições e na própria linguagem, perpetuando visões seletivas de uma parcela sobre outra, criando um falso ideal de pertencimento social, que nos molda e modifica diariamente.

Em “The Lottery”, a primeira vez que vemos que a prática cultural da loteria, sendo descrito como uma tradição, é na narração seguinte, que acontece após a chegada de Mrs. Summers a praça:

The original paraphernalia for the lottery had been lost long ago, and the black box now resting on the stool had been put into use even before Old Man Warner, the oldest man in town, was born. Mr. Summers spoke frequently to the villagers about making a new box, but no one liked to upset even as much tradition as was represented by the black box. There was a story that the present box had been made with some pieces of the box that had preceded it, the one that had been constructed when the first people settled down to make a village here. Every year, after the lottery, Mr. Summers began talking again about a new box, but every year the subject was allowed to fade off without anything's being done. The black box grew shabbier each year; by now it was no longer completely black but splintered badly along one side to show the original wood color, and in some places faded or stained (Jackson, 2005, p. 223)<sup>18</sup>.

---

<sup>18</sup> “A parafernália original da loteria havia se perdido fazia muito tempo, e a caixa preta que agora repousava sobre o banco tinha sido posta em uso antes mesmo de o Velho Warner, o homem mais velho da cidade, nascer. O sr. Summers volta e meia falava com os aldeões sobre a fabricação de uma caixa nova, mas ninguém queria comprometer nem mesmo a tradição representada pela caixa preta. Havia uma história de que a caixa atual fora feita com alguns pedaços da caixa que a precedera, aquela que fora montada quando as primeiras pessoas se instalaram ali para formar um vilarejo. Todo ano, após a loteria, o sr. Summers começava a falar outra vez sobre uma caixa nova, mas todo ano deixavam que o assunto morresse sem que nada fosse feito. A caixa preta ficava mais desgastada a cada ano: a essa altura já não era mais completamente preta, mas bastante lascada em um dos lados, exibindo a cor original da madeira, e em alguns pontos estava desbotada ou manchada” (tradução de Débora Landsberg) (Jackson, 2022).

No trecho, a própria caixa pode ser um símbolo que representa a tradição da loteria. A palavra “shabby” significa, segundo o dicionário de Cambridge (2024, online), “looking old and in bad condition because of being used for a long time or not being cared for”<sup>19</sup>, ou seja, em paralelo com a caixa, pode significar que a tradição é uma prática velha e que lhe falta cuidado e atenção. Seguindo essa lógica, a tradição perde sua “cor”, ou seja, as estruturas que antes ajudavam com sua aparência estão ficando fracas e manchadas, e por estarem desaparecendo, talvez, ela não tenha a força que um dia teve, desaparecendo com o passar do tempo.

De acordo com Williams (2011, p. 54) essas tradições seletivas não são simples reproduções do passado. O autor afirma que “[...] é a seleção— a forma pela qual, a partir de toda uma área possível do passado e do presente, certos significados e práticas são escolhidos e enfatizados, enquanto outros significados são negligenciados e excluídos”. Portanto, para ele, esse processo não é estável e substancial, os interesses e valores dessas sociedades mudam com o tempo, e essas tradições ajudam a manter a cultura dominante.

Deste modo, muitas características originais da loteria se perderam ao longo do tempo, inclusive, não se é mencionado em nenhum momento quando essa tradição se iniciou. Entretanto, é dito que o realizador da loteria, Mr. Summers, menciona anualmente após o evento a vontade de construir uma nova caixa, mas as pessoas não querem comprometer nada relacionado a aquela tradição, mesmo que a ligação entre a atual caixa e a primeira, seja apenas uma história sem provas.

Por essa visão, quando é mencionado que os moradores ouviram um rumor que aquela caixa possui resquícios da primeira caixa, pode significar a superficialidade das informações sobre a própria tradição. Portanto, os moradores seguem essa tradição sem saber do seu significado, sem saber por que começou ou se realmente funciona como prometido, apenas a reproduzem. Dessa forma, se a ligação com a caixa original é tão fraca, por qual razão os moradores insistem em não a perturbar? A verdade é que poderíamos fazer a mesma pergunta sobre a própria tradição que é seguida: se as parafernálias não são as mesmas, se o ritual não é o mesmo, por que a loteria continua acontecendo?

De acordo com Williams (2011), a reprodução das tradições está alinhada diretamente com a estrutura, que se realiza por conta da experiência. Williams (2014) estabelece a existência da experiência do passado, e do presente, que recebe o nome de cultura alternativa e, que segundo Williams (2011, p. 57) significa “[...] novos significados e valores, novas

---

<sup>19</sup> “parecer velho e em mau estado, por ter sido usado por um longo período de tempo ou por não ter recebido cuidado” (tradução nossa).

práticas, novos sentidos e experiências estão sendo continuamente criados". Ele afirma que, essas práticas novas podem existir, porém, para o funcionamento da cultura dominante, não podem sair do controle da cultura que domina.

Em uma tentativa de explicar as relações que mantêm essas tradições, é importante que conheçamos os personagens que compõem o conto. Como nem todos os personagens mencionados contribuem para nossa análise, focaremos nos que possuem maior relevância, sendo eles na ordem que são mencionados: Mr. Summers, realizador da loteria; Mr. Graves, ajudante do realizador; Mrs. Delacroix, pertencente a comunidade; Old Man Warner, o indivíduo mais velho do vilarejo; Mr. Adams, outro personagem pertencente à comunidade; Tessie Hutchinson, nossa ganhadora oficial da loteria, e Bill Hutchinson, seu marido.

Segundo Santos e Oliveira (2001, p. 29), os personagens de uma história podem ser separados por dois tipos: esféricos e planos. Os personagens planos "são tipos superficiais, quase caricaturas, marcados por traços fortes invariáveis", enquanto as personagens esféricas "apresentam uma caracterização mais analítica, mais sofisticada, uma forma de atuação cheia de nuances e contradições". Essas duas definições nos ajudam a definir os personagens do conto, e a observá-las mais de perto.

Todos os personagens mencionados, sendo eles: Mr. Summers, Mr. Graves, Mrs. Delacroix, Old Man Warner, Mrs. Adams e Bill Hutchinson, não possuem mudanças significativas no decorrer da história. Todas essas pessoas são representantes da herança da tradição imposta ali, elas não mudam muito e apenas a seguem cegamente sem irem contra a cultura dominante, portanto podemos defini-las como personagens planos. Porém, é relevante discutir os nomes e representações deles no conto.

Neste sentido, Mr. Graves e Old Man Warner possuem nomes bem sugestivos. O primeiro, Mr. Graves ajuda Mr. Summers a fazer os papéis a serem usados no dia anterior ao evento, e a tradução de seu nome significa *cova*. Um nome bem sugestivo quando lembramos qual o fim da pessoa sorteada, e em adição, ele também, em conversa com sua esposa, comenta que "Time sure goes fast" (Jackson, 2005, p. 226), ou seja, o tempo passa rápido, e a morte chega, eventualmente, depressa. No contexto, da criação de uma história de terror, é possível que, mesmo que Jackson, não tenha deixado explícito o prêmio da loteria, ao ter um personagem com esse nome, seja uma indicação, mesmo que singela, do que estava prestes a acontecer.

Nessa direção, o segundo personagem mencionado, Old Man Warner, possui um nome com mais significados ainda. A tradução de seu nome completo seria algo como "O velho

homem Warner”, porém em inglês a palavra ‘warner’, se dividida ‘warn’ significa *avistar*. Não é à toa que o personagem aparenta ser o mais apegado à tradição, mostrando insistência na importância da loteria, comentando que as coisas já não são mais como antigamente, e que as pessoas não são mais como antes.

Desta maneira, Old Man Warner protagoniza um importante diálogo com outro personagem no conto. A conversa acontece durante a realização da loteria, enquanto Mr. Adams comenta que as pessoas pensam em acabar com a loteria em outros locais, e ainda ressalta que outros lugares já acabaram com o evento, Old Man Warner argumenta a importância de mantê-la, como podemos ver a seguir:

“They do say,” Mr. Adams said to Old Man Warner, who stood next to him, “**that over in the north village they're talking of giving up the lottery**”.

Old Man Warner snorted. “**Pack of crazy fools**,” he said. “Listening to the young folks, nothing's good enough for them. Next thing you know, **they'll be wanting to go back to living in caves, nobody works anymore**, live that way for a while. Used to be a saying about ‘Lottery in June, corn be heavy soon.’ First thing you know, we'd all be eating stewed chickweed and acorns. **There's always been a lottery**,” he added petulantly. “Bad enough to see young Joe Summers, up there joking with everybody”. “Some places have already quit lotteries,” Mrs. Adams said.

“Nothing but trouble in that,” Old Man Warner said stoutly. “**Pack of young fools**” (Jackson, 2005, p. 227) (grifo nosso)<sup>20</sup>.

Neste trecho podemos observar uma clara divergência entre duas gerações. Old Man Warner, representa claramente o pensamento antigo, que insiste em manter a tradição da loteria, fazendo o uso da palavra “young”, para se referir aos outros personagens, como uma forma de xingamento, reforçando o pensamento tradicionalista. Como comentamos, o nome do personagem possui a palavra avisar, ou seja, é possível que ele esteja avisando quanto aos problemas da quebra dessa tradição, e a importância de mantê-la. Para ele, se a tradição se perder, eles vão “retroceder” e viver como homens da caverna, ele enxerga o momento como parte importante e essencial do presente, para manter as condições materialistas confortáveis em que vivem.

Como mencionamos anteriormente, Williams (2011; 2014) discute que novas experiências podem surgir e as chama de culturas alternativa e emergente. A diferença reside

---

<sup>20</sup> “‘Dizem por aí’, o sr. Adams comentou com o Velho Warner, que estava parado a seu lado, ‘que lá no vilarejo do norte eles andam falando em parar com a loteria.’

O Velho Warner bufou. ‘Bando de malucos’, ele disse. ‘Dando ouvidos aos jovens, nada está bom para eles. Daqui a pouco vão querer voltar a morar nas cavernas, sem ninguém mais trabalhar, viver assim por um tempo. Antigamente havia um ditado que dizia ‘Em junho tem loteria, depois tem a colheita’. Daqui a pouco vamos estar comendo mato cozido nozes de carvalho. A loteria sempre existiu’, acrescentou em tom petulante. ‘Já é um horror ver o jovem Joe Summers lá em cima, brincando com todo mundo.’

‘Alguns lugares já abandonaram as loterias’, constatou a sra. Adams.

‘Isso só traz problemas’, o Velho Warner disse categoricamente. ‘Bando de jovens tolos’” (tradução de Débora Landsberg) (Jackson, 2022).

na compreensão de que a alternativa se mantém às margens da dominante, podendo ser reconhecida e participante dos processos, enquanto a emergente surge como um questionamento da estrutura em formas distinta e não imediatamente acessíveis (Williams, 2011). Essa tradução de novos significados é apresentada pelo outro participante do diálogo, Mr. Adams. Este carrega o nome do “primeiro homem” da bíblia, Adão. Ao utilizar esse nome, é possível apontar a possibilidade de mudança e de um novo começo, já que ele apresenta uma alternativa de “quebrar” aquela tradição, dizendo que em outros lugares aquela prática não existe mais. Além disso, enquanto Mr. Adams apresenta que a mudança existe, ele não é o único a apresentar alguma opinião sobre a prática.

Tessie Hutchinson é a única que demonstra algum tipo de contradição durante o evento. Da mesma forma que outros personagens no conto, Tessie Hutchinson também possui um nome sugestivo e simbólico. Em seu viés histórico, podemos recordar que Hutchinson é o sobrenome de um ícone da história estadunidense, Anne Hutchinson, considerada uma das primeiras feministas, ainda no período colonial.

De acordo com Debra Michals (2015, online), Anne Hutchinson (1591-1643), foi uma líder espiritual da colônia de Massachusetts, que foi responsável por apresentar e pregar ideias progressistas. À frente de seu tempo, Hutchinson foi banida de sua colônia após realizar reuniões com outros integrantes da comunidade, em que, desafiava os ensinamentos religiosos da igreja atual, além de questionar os papéis de gênero. As reuniões se popularizam a ponto dos líderes religiosos, que eram a autoridade superior, ficarem com medo do agrupamento e revolta dos moradores da colônia. Nessa direção, é possível fazer um paralelo com o nome da personagem, pois, assim como Anne Hutchinson, Tessie Hutchinson também foi uma voz contrária à cultura dominante no conto em determinado aspecto.

Por exemplo, como já mostramos em excerto anterior, quando a personagem alcança os demais no evento, chega bem-humorada em conversa com Mrs. Delacroix. Em outro momento, é exibido que quando seu marido é chamado para pegar o papel Tessie continua bem-disposta com a situação, e comenta ““Get up there, Bill,’ Mrs. Hutchinson said, and the people near her laughed”<sup>21</sup> (Jackson, 2005, p. 226). Em outros termos, a personagem não parece até então ser contrária aos atos do evento, participando alegremente e interagindo com os demais sem contestar a prática.

---

<sup>21</sup> ““Sobe lá, Bill”, a sra. Hutchinson falou, e as pessoas próximas a ela riram” (Jackson, 2022).

No entanto, Tessie começa a demonstrar insatisfação quando o seu marido seleciona o papel com o círculo preto desenhado, e grita com Mr. Summers, como podemos observar no trecho a seguir:

People began to look around to see the Hutchinsons. Bill Hutchinson was standing quiet, staring down at the paper in his hand. Suddenly, Tessie Hutchinson shouted to Mr. Summers, “You didn’t give him time enough to take any paper he wanted. I saw you. It wasn’t fair!”

“Be a good sport, Tessie,” Mrs. Delacroix called, and Mrs. Graves said, “All of us took the same chance.”

“Shut up, Tessie,” Bill Hutchinson said (Jackson, 2005, p. 228)<sup>22</sup>.

Dessa forma, podemos observar que a personagem alega que Mr. Summers não deu tempo suficiente para seu marido escolher o papel, adicionando que não era justo. Em conjunto, é calada pelos outros participantes, e Mrs. Delacroix pede que ela leve na esportiva, como se todo o evento fosse apenas um jogo. Esse ato de ser silenciado pelos outros moradores, é o que acontece quando pessoas que tentam ir contra a cultura dominante. De forma semelhante à Anne Hutchinson, ao tentar iniciar novos jeitos de pensar na comunidade em que vivia e ser silenciada pelos líderes religiosos, Tessie Hutchinson é ignorada pelos seus próprios “amigos”, e silenciada pelo marido, que a manda calar a boca.

Tessie ainda volta a repetir que não foi justo mais uma vez, e depois ainda pede para que comecem a loteria novamente, em uma tentativa de não ser a sorteada da vez, “‘I think we ought to start over,’ Mrs. Hutchinson said, as quietly as she could. ‘I tell you it wasn’t fair. You didn’t give him enough to choose. *Everybody* saw that’” (Jackson, 2005, p. 228)<sup>23</sup>. Entretanto, é novamente completamente ignorada, e eles apenas continuam a loteria, colocando os papéis na caixa agora para os membros da família dela escolherem. Dessa forma, diferente dos outros personagens mencionados anteriormente como planos, Tessie Hutchinson pode ser a única personagem esférica, pois possui alguma mudança ao decorrer do conto, demonstrando características mais complexas com contradições e mudanças de comportamento.

Nessa direção, outro detalhe é como Tessie Hutchinson apenas muda de opinião sobre o evento quando o seu marido escolhe o papel sorteado. Portanto, ela apenas contradiz a

<sup>22</sup> “As pessoas começaram a olhar ao redor para ver os Hutchinson. Bill Hutchinson estava parado, quieto, fitando o papel em sua mão. De repente, Tessie Hutchinson berrou para o sr. Summers: ‘Você não deu tempo de ele tirar o papel que queria. Eu vi. Não foi justo!’. ‘Leve na esportiva, Tessie’, a sra. Delacroix falou, e a sra. Graves disse: ‘Todos nós tivemos as mesmas chances’. ‘Cale a boca, Tessie’, disse Bill Hutchinson” (Jackson, 2022).

<sup>23</sup> “‘Acho que a gente precisa recomeçar do zero’, sugeriu a sra. Hutchinson, na voz mais baixa que lhe era possível. ‘Estou falando que não foi *justo*. Você não deu tempo suficiente para ele escolher. *Todo mundo viu*’” (Jackson, 2022).

loteria quando percebe que alguém da sua família será apedrejado até a morte, ou seja, ela só vai contra a cultura dominante, quando seus próprios valores materiais são postos na reta. Esse pensamento nos faz questionar se sua reação teria sido diferente caso outra pessoa da cidade fosse a sorteada, ou se ela desfrutaria de apedrejar um de seus conterrâneos.

Nessa direção, ao final do conto temos a última tentativa de “ir contra o sistema” de Tessie, que grita enquanto é atacada pela cidade em seus últimos momentos de vida:

The **children** had stones already, and someone gave little **Davy Hutchinson** a few pebbles.

Tessie Hutchinson was in the center of a cleared space by now, and she held her hands out desperately as the villagers moved in on her. “It isn’t fair,” she said. A stone hit her on the side of the head.

**Old Man Warner** was saying, “Come on, come on, everyone”. **Steve Adams** was in the front of the crowd of villagers, with **Mrs. Graves** beside him.

“It isn’t fair, it isn’t right,” Mrs. Hutchinson screamed, and **then they were upon her** (Jackson, 2005, p. 230) (grifo nosso)<sup>24</sup>.

No trecho, é possível observar o momento em que os personagens se juntam com suas pedras para atacar Tessie, enquanto ela grita o quanto “não é justo e não é certo”. Portanto, ao se aproximar do final do conto, os mencionados representam as gerações que seguem aquela tradição, Old Man Warner sendo o mais velho da cidade representa a geração mais tradicional, Mrs. Adams os adultos de meia idade, e as crianças da geração mais nova. Em adição, o pequeno Davy Hutchinson, é oferecido algumas pedras, representa a continuidade daquela tradição, a narração não deixa explícito se o pequeno aceita, porém, o uso da frase “*then they were upon her*”, nos faz pensar que ele talvez esteja incluso com todas essas pessoas, como se de forma simbólica a tradição vá ser continuada. E, por fim, o último personagem citado antes de Tessie, é Mrs. Graves, um indício do futuro de Tessie Hutchinson: uma *cova*.

O que podemos observar é a rejeição de enfrentar as raízes da própria história. Os membros daquela sociedade preferem continuar o evento, sendo melhor aceitar as ações, invés de tentar mudar a tradição, e aceitar que, talvez ela seja baseada em pura superstição. É possível fazer um paralelo com a cultura estadunidense, que aceitou as cicatrizes das guerras e continuou sua vida, sem pensar em toda a destruição causada pelos conflitos. Portanto, uma sociedade que preferiu abraçar o status positivo das suas condições materiais, e ignorar a sua

---

<sup>24</sup> “As crianças já estavam com as pedras preparadas, e alguém deu alguns seixos ao pequeno Davy Hutchinson. Tessie Hutchinson estava no centro de um espaço vazio àquela altura, e esticava os braços em desespero à medida que os aldeões se aproximavam.

“Não é justo”, ela dizia. Uma pedra a atingiu na lateral da cabeça. O Velho Warner chamava, “Vamos, vamos, todo mundo”. Steve Adams estava à frente da multidão de aldeões, com o sr. Graves a seu lado.

“Não é justo, não é certo”, gritou a sra. Hutchinson, e em seguida estavam todos em cima dela” (Jackson, 2022).

história e o caminho percorrido para toda a riqueza, que aconteceu em cima do sangue de milhões de pessoas.

Dessa forma, o conto termina em seu clímax, com a morte da “sorteada”. Assim, produzindo um choque para qualquer pessoa que não tenha prestado atenção nos detalhes da brilhante escrita de Shirley Jackson. Em compensação, mesmo que o final seja trágico, o conto não segue o determinismo de uma sociedade estabelecida sem chance de mudança. Tal qual na vida, a chance de mudança existe, e é apresentada nas entrelinhas dos gritos de uma população sofrida, mas que busca a transformação para uma vida melhor.

## 4 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Viorica Patea (2012) aborda que a ficção não possui significado abstrato, mas significado experienciado, e realizar afirmações sobre esses significados é apenas uma forma de ajudar a entender e experienciar esses significados mais inteiramente. Raymond Williams defende que somos seres históricos e sociais, diretamente afetados pelas condições materiais nas quais vivemos, e nas relações que temos com o mundo. Com isso, buscamos através desse trabalho propor uma análise de viés materialista do conto “The Lottery” (2005), da escritora norte-americana Shirley Jackson.

Dessa forma, por meio de nossa pesquisa, buscamos responder, a seguinte questão: quais as relações entre cultura, sociedade e tradição no conto “The Lottery” (2005), de Shirley Jackson, a partir da crítica materialista? Para alcançar uma resposta, definimos o seguinte objetivo geral: investigar quais as relações entre cultura, sociedade e tradição no conto “The Lottery” (2005) de Shirley Jackson a partir da crítica materialista. E a fim, de atingir este objetivo geral, estabelecemos como objetivos específicos: (i) discutir os pressupostos teóricos dos Estudos Culturais e da crítica materialista; (ii) verificar como a cultura, por meio da tradição, influencia nos valores da sociedade no conto “The Lottery” (2005) e quais as consequências dessas relações.

Deste modo, estabelecemos que ambos os objetivos específicos foram alcançados. No primeiro objetivo, discutimos os primórdios dos Estudos Culturais e da crítica materialista, explicando os usos desses campos teóricos, que nos auxiliam a analisar literatura politicamente como produção cultural. No segundo objetivo específico, nosso foco foi explorar as relações entre cultura, sociedade e tradição, e com isso, discutir as consequências dessas relações, dentro do contexto histórico e social, na qual, a obra está inserida.

Diante do exposto, através da nossa análise interpretativa, podemos confirmar que a sociedade em “The Lottery” (2005) reproduz a loteria como prática cultural indispensável para seu funcionamento material. No conto, os elementos narrativos relatam um período de mudança histórica, entre o urbano e o industrializado, e demonstra que a loteria é reproduzida como forma de tradição, e usada como ferramenta para promover união e controle. Em paralelo, com seu contexto histórico, retrata um Estados Unidos que passa por grandes mudanças, e acredita no otimismo desse processo, ignorando, como no conto, a violência ocorrida que resultou nessas condições positivistas.

Além disso, exploramos as relações de poder no conto são impostas, especialmente, pelos homens daquela sociedade, e como as pessoas daquele local continuam a tradição

através da pressão social, de modo que, não repensam sua prática e apenas a seguem com uma falsa fé. Estabelecemos assim, que a consequência dessa prática é uma banalização da violência, em que, os personagens são uma herança dessa tradição, e continuam suas vidas após apedrejar uma pessoa até a morte, sem remorso ou consideração ao ato.

Destarte, é relevante pontuar que como todo trabalho acadêmico, na construção dessa pesquisa encontramos dificuldades e desafios. A começar, tivemos certas diferenças criativas e teóricas sobre a direção da pesquisa, foi difícil encontrar um meio termo com tantas ideias e perspectivas que poderiam ser usadas e exploradas neste conto. Entretanto, o maior desafio foi produzir este trabalho em meio a períodos encurtados e com cargas horárias intensas, já que lutamos com os atrasos que a pandemia deixou em nossas vidas. A entrega final desta pesquisa, então, exigiu muita disciplina, esforço físico e mental, e muitas horas na biblioteca da Universidade, sofrendo com o cansaço e ansiedade.

Dessa maneira, esperamos que outras pesquisas surjam a partir da nossa, que considerem não só o uso de “The Lottery”, mas também todo o leque de obras de Shirley Jackson. Se a escolha for continuar a pesquisar o conto, recomendamos a análise da *graphic novel*, uma adaptação do conto clássico, feita pelo ilustrador e escritor Miles Hyman, publicada em 2016. Também, sugerimos que olhem para o conto com outras perspectivas teóricas, como por exemplo, de uma visão feminista, ou se preferirem, Shirley Jackson possui outros inúmeros contos e livros como, por exemplo, o famoso *A Assombração da Casa da Colina* que inspirou uma adaptação recente para a Netflix em 2018, e pode ser conteúdo para uma análise de literatura comparada.

“Entre trancos e barrancos”, essa pesquisa termina com um “gostinho” de quero mais em minha<sup>25</sup> boca. Entrei nesse curso de paraquedas e considerando sair, mas fiquei por conta deste conto, e das aulas de literatura, que me fizeram retomar um amor antigo pela leitura. Durante meu projeto de extensão com o Prof. Dr. Ruan Nunes, o podcast “Conversas sobre Literaturas de Língua Inglesa: Um podcast sobre produções literárias”, me permitiu o contato com outros pesquisadores que me mostraram que toda obra pode ter diferentes olhares e perspectivas. Essa percepção instalou em minha mente uma semente de animação para pesquisar, produzir e debater sobre o mundo através da literatura, que a longo prazo, não imagino me abandonando.

Em adição, “The Lottery” (2005) me introduziu um pensamento curioso sobre as condições sociais em que vivemos, e me fez questionar práticas comuns e cotidianas, que não

---

<sup>25</sup> Uso da primeira pessoa do singular por se tratar de reflexões pessoais do pesquisador.

damos a devida atenção por uma razão ou outra. O conto prova que em um mundo como o nosso, em que somos seres sociais, estamos inclinados a práticas terríveis, apenas por querer preservar uma falsa ideia de paz e comunidade. Saciamos demasiadamente a aceitação e o conforto, e às vezes estamos dispostos a qualquer coisa por ela. Dessa forma, enquanto escrevo as últimas palavras deste trabalho, vejo que posso ainda muitas palavras a dizer, e, portanto, espero que esse “gosto de quero mais” se conforte com a possibilidade de um futuro de pesquisas, de leituras e análises de outras obras que toquem meu coração e desafiem a minha mente.

Por fim, em minhas últimas reflexões pessoais, destaco a importância da literatura na vida do ser humano. Acredito no poder das histórias, além do entretenimento, como prática humana importante para entender e conhecer o mundo em que vivemos, pois todos nós, independente de classe social, de idade, de nacionalidade, e de gênero, temos uma história para contar, que merece ser lida. Por essa razão, espero que este trabalho ajude a construir um mundo mais crítico e político, que compreenda que a literatura é um meio também, de mudança e transformação.

Figura 1 - Mão suja de sangue segurando uma pedra.



**Fonte:** Imagem desenhada por Murilo Henrique oriunda do arquivo pessoal dos pesquisadores.

## REFERÊNCIAS

- 5 fatos curiosos e estranhos sobre Shirley Jackson. **MEDIUM**, 31 de outubro de 2018. Disponível em:  
<https://medium.com/@editorasuma/5-fatos-curiosos-e-estranhos-sobre-shirley-jackson-f7f89762b62e> Editora Suma. Acesso em 31 de maio de 2024.
- ABERCROMBIE, N.; HILL, S.; TURNER, B. S. **The Penguin dictionary of sociology**, 2006.
- BACHMAN, M. How Stephen King Adapted Shirley Jackson's Most Iconic Story. **SCREENRANT**, 21 de janeiro de 2021. Disponível em:  
<https://screenrant.com/stephen-king-rose-red-shirley-jackson-hill-house-adaptation-explained/>. Acesso em 1 de agosto de 2024.
- BARAZAL, N. R. Sobre violência e ser humano. **Convenit Internacional (USP)[Internet]**, p. 77-86, 2014.
- BOJAN, R. Blind Faith and Mob Mentality as a Killing Mechanism in Shirley Jackson's The Lottery. **Juni Khyat Journal**, 2023.
- BONNICI, T. Teorias Estruturalistas e Pós-Estruturalista. In: BONNICI, Thomas; ZOLIN, Lúcia Osana. (org.) **Teoria Literária: Abordagens históricas e Tendências contemporâneas**. 3. Ed. Maringá: Eduem, 2009. Cap. 6, p. 131-157.
- BOSISIO, I. Religião, cultura, nação: articulações possíveis a partir de três datas comemorativas. **Horizontes Antropológicos**, v. 24, n. 52, p. 199-221, 2018.
- BROWNER, S. The Post-World War II Suburb in the United States. The First-Year Papers (2010 – present), 2013.
- CANDIDO, A. **Literatura e Sociedade**. Rio de Janeiro: Ouro sobre Azul, 2006.
- CAVALCANTE, F. B.; PEREIRA, V. C. A crítica cultural materialista e a análise estético-política da obra literária. **Revista Philologus**, v. 28, n. 84, p. 12-27, 2022.
- CEVASCO, M. E. Literatura e Estudos Culturais. In: BONNICI, Thomas; ZOLIN, Lúcia Osana. (org.) **Teoria Literária: Abordagens históricas e Tendências contemporâneas**. 3. Ed. Maringá: Eduem, 2009. Cap. 6, p. 319-325.
- CEVASCO, M. E. O diferencial da crítica materialista. **Ideias**, v. 4, n. 2, p. 15-30, 2013.
- CEVASCO, M. E. **Dez Lições sobre os Estudos Culturais**. 2003.
- CORTAZAR, J. **Alguns aspectos do conto**. In: Valise de Cronópio. Tradução de Davi Arriguei Jr. e João Alexandre Barbosa. São Paulo: Perspectiva, 2006, p. 142-163.
- COSTA, M. V.; SILVEIRA, R. H.; SOMMER, L. H. Estudos culturais, educação e pedagogia. **Revista brasileira de educação**, p. 36-61, 2003.
- COSTA, M. M. E. O rito do apedrejamento em “La grave mora”, de Raffaele Pettazoni. **Anais dos Simpósios da ABHR**, 2015.

- COHEN, G. V. Critical-Historiographic Approach on the Controversial Reception of Shirley Jackson's Short Story The Lottery. **Lingua, Linguistica, and Literatura**, v. 9, n. 1, p. 47-57, 2012.
- COWAN, R. S. More Work for Mother: The Ironies of Household Technology from the Open Hearth to the Microwave. London: Free Association Books, 1989.
- CULLER, J. **Literary Theory: A Very Short Introduction**. 2. Ed. New York: Oxford University Press, 2011.
- CZAJKA, R.; FARIA JÚNIOR, W. B. de F.; NEVES, D.; RAMOS, E. R.. Raymond Williams e a cultura como problema ordinário. **Sociologia & Antropologia**. Rio de Janeiro: V.13.01: e220073, 2023.
- DESLANDES, S. F.; GOMES, R.; MINAYO, M. C. S. (org.). Pesquisa social: teoria, método e criatividade. 28. Ed. Petrópolis: **Vozes**, 2009.
- DOLLIMORE, J.; SINFIELD, A. **Political Shakespeare: essays in cultural materialism**. Cornell University Press, 1994.
- DURÃO, F. A. **Metodologia da pesquisa em literatura**. São Paulo: Parábola, 2020.
- EAGLETON, T. **A ideia de cultura**. 2 Ed. Unesp, 2011.
- EAGLETON, T. **Materialismo**. Unesp, 2023.
- ESCOSTEGUY, A. C.. Os estudos culturais. Teorias da Comunicação: conceitos, escolas e tendências. Petrópolis, RJ: **Vozes**, p. 151-170, 2001.
- FACINA, A. **Literatura e sociedade**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2004.
- FRANKLIN, R. **Shirley Jackson: a rather haunted life**. New York: Liveright Publishing Corporation, 2016.
- GIL, A. C. Métodos e Técnicos de Pesquisa Social-Atlas. 7. Ed. São Paulo: **Atlas**, 2021.
- GINZBURG, Jaime. **Literatura, violência e melancolia**. Autores associados, 2017.
- HALL, S. **Da diáspora: Identidades mediações culturais**. Organização Liv Sovik; Tradição Adelaine La Guardia Resende. Editora UFMG: Brasília: Representação da UNESCO no Brasil, 2003.
- HAMPSON, R. 70 years later: How World War II changed America. **USA TODAY**, 18 de julho de 2015. Disponível em: <https://usatoday.com/story/news/nation/2015/07/18/70-years-later-how-world-war-ii-changed-america/30334203/> Acesso em 18 de novembro de 2024.
- HJARVARD, S. Midiatização: conceituando a mudança social e cultural. **Matrizes**, v. 8, n. 1, p. 21-44, 2014.
- HYMAN, M.. **La Loterie**. Casterman, 2016.

JACKSON, S. **The Lottery and Other Stories**. New York: Farrar, Straus and Giroux, 2005.

JACKSON, S. **A loteria e outros contos**. Tradução: Débora Landsberg. Alfaguara, 2022.

JOHNSON, A. G. **Dicionário de sociologia**: guia prático da linguagem sociológica. Tradução: Ruy Jungmann; Consultoria, Renato Lessa. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1997.

MAIA, D.; MEDEIROS, L. Como assim, cultura do estupro? **POLITIZE**, 22 de julho de 2022. Disponível em: <https://politize.com.br/cultura-do-estupro-como-assim/>. Acesso em: 1 de agosto de 2024.

MAUAD, A. M.; TORRES, S. Raízes e rumos: perspectivas interdisciplinares em estudos americanos, 2001.

MEYEROWITZ, J. J. **Not June Cleaver**: Women and Gender in Postwar America, 1945-1960. Temple University Press, 1994.

MICHALS, D. Anne Hutchinson, National Women's History Museum, 2015. Disponível em: <https://womenshistory.org/education-resources/biographies-anne-hutchinson>. Acesso em: 16 de novembro 2024.

NA, N. **Women's magazines, 1940-1960**: Gender roles and the popular press. Springer, 2016.

Nações Unidas Lembram os mortos da Segunda Guerra Mundial. NAÇÕES UNIDAS DO BRASIL, 10 de maio de 2021. Disponível em: [https://brasil.un.org/pt-br/126610-nações-unidas-lembram-os-mortos-da-segunda-guerra-mundial](https://brasil.un.org/pt-br/126610-na%C3%A7%C3%B5es-unidas-lembram-os-mortos-da-segunda-guerra-mundial). Acesso em: 22 de novembro de 2024.

PAIVA, V. L. M. O. Manual de pesquisa em estudos linguísticos. São Paulo: **Parábola**, v. 157, 2019.

PAIXÃO, A. H.; DE MELO, J. R. B.; MURAD, M. C.; Cultura e experiência nos romances de Raymond Williams. **Leitura: Teoria & Prática**, v. 37, n. 77, p. 17-32, 2019.

PASSIANI, E. Afinidades seletivas: uma comparação entre as sociologias da literatura de Pierre Bourdieu e Raymond Williams. **Estudos de Sociologia**, v. 14, n. 27, 2009.

PATEA, V. **The Short Story: An Overview of the History and Evolution of the Genre**. In: \_\_\_\_\_. **Short Story Theories: A Twenty-First-Century Perspective**. Amsterdam; New York: Rodopi, 2012. p. 1-24.

PERDONO, C. A.; SOUZA, T. A. F. Teoria Feminista e as estadunidenses na Segunda Guerra Mundial. **Tensões Mundiais**, v. 17, n. 33, p. 63-84, 2021.

PIGLIA, R. **Formas breves**. Tradução de José Marcos Mariani de Macedo. São Paulo: Companhia das Letras, 2004.

PRADO, B. A Cultura do Estupro. **IBDH: Instituto Brasileiro de Direitos Humanos**, 22 de setembro de 2020. Disponível em: <https://ibdh.org.br/a-cultura-do-estupro/>. Acesso em 2 de setembro de 2024.

ROCHA, L. D.; DUWE, R. Feridas abertas e processos inconclusos: o fantasma da guerra civil e os eventos de janeiro de 2021 nos Estados Unidos. Florianópolis: **Tempo e Argumento**, v. 14, n. 36, e0107, set. 2022.

RODRIGUES, R. V. Os Estados Unidos na Segunda Guerra Mundial: a guerra como elemento dinamizador da economia norte-americana, 2011.

SANTOS, L. A. B.; OLIVEIRA, S. P. **Sujeito, tempo e espaço ficcionais:** Introdução à Teoria da Literatura. São Paulo: Martins Fontes, 2001.

SANTOS, L. A. B. Espaços literários e suas expansões. **Aletria: Revista de estudos de literatura**, v. 15, n. 1, p. 206-220, 2007.

Servicemen's Readjustment Act (1944). **NATIONAL ARCHIVES**, 3 de maio de 2022. Disponível em:

<https://archives.gov/milestone-documents/servicemens-readjustment-act#:~:text=Signed%20into%20law%20by%20President,%20WWII%20and%20later%20military%20conflicts>. Acesso em 22 de novembro de 2024.

**SHABBY, CAMBRIDGE DICTIONARY.** Disponível em:

<https://dictionary.cambridge.org/dictionary/english/shabby>. Acesso em 25 de novembro de 2024.

SINFIELD, A. **Cultural Politics – Queer Reading**. 2. Ed. Routledge, 2005.

SOARES, Angélica. **Gêneros literários**. São Paulo: Editora Ática, 2007.

SOARES DA COSTA, C. A.; Premissas conceituais sobre a formação do materialismo de Marx. **Praxis Filosófica**, n. 31, p.61-72, 2010.

SOCIEDADE, MICHAELIS. Dicionário Brasileiro da Língua Portuguesa. Disponível em: <https://michaelis.uol.com.br/moderno-portugues/busca/portugues-brasileiro/sociedade/>. Acesso em 2 de setembro de 2024.

SUWARDI, Albertus. A Marxist Interpretation of Shirley Jackson's The Lottery. **Prosodi**, v. 3, n. 2, 2009.

VIOLÊNCIA, MICHAELIS. Dicionário Brasileiro da Língua Portuguesa. Disponível em: <https://michaelis.uol.com.br/moderno-portugues/busca/portugues-brasileiro/violencia>. Acesso em 11 de setembro de 2024.

WILLIAMS, R. **Culture & Society: 1780-1950**. Anchor Book Edition, 1959.

WILLIAMS, R. **Cultura e Materialismo**. Tradução: André Glaser. São Paulo, Editora Unesp, 2011.

WILLIAMS, R. **Marxismo e Literatura**. Tradução de Waltensir Dutra. Rio de Janeiro: Zahar Editores S.A, 1979.

WILLIAMS, R. **Keywords: A vocabulary of culture and society**. Oxford University Press, 2014.

WILLIAMS, R. **Recursos de esperança:** cultura, democracia, socialismo. Tradução de Nair Fonseca e João Alexandre Peschanski. 1. Ed. São Paulo: Unesp, 2015.

Women and Work After World War II. **AMERICAN EXPERIENCE**. Disponível em: <https://www.pbs.org/wgbhamericanexperience/features/tupperware-work/>. Acesso em 1 de junho de 2024.